UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Eli Ikuta Shimizu

# SITUAÇÕES DE RISCO E DE PROTEÇÃO À SAÚDE DE ADOLESCENTES DA COMUNIDADE SÃO REMO

São Bernardo do Campo

2007

# Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

**Eli Ikuta Shimizu**

# SITUAÇÕES DE RISCO E DE PROTEÇÃO À SAÚDE DE ADOLESCENTES DA COMUNIDADE SÃO REMO

**Dissertação de Mestrado elaborado como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde do Curso de Pós-graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.**

**Orientador: Profº Dr. Manuel Morgado Rezende**

**São Bernardo do Campo**

**2007**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Shimizu, Eli Ikuta
Situações de risco e de proteção à saúde de adolescentes da comunidade São Remo. / Eli Ikuta Shimizu. -- São Bernardo do Campo, 2007.
100p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo. Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Curso de Pós Graduação em Psicologia da Saúde.
Orientação : Manuel Morgado Rezende.

1. Adolescência 2. Fatores de risco (Saúde) 3. Proteção - Saúde 4. Baixa renda I. Título.

CDD
157.9

**Eli Ikuta Shimizu**

# SITUAÇÃO DE RISCO E DE PROTEÇÃO À SAÚDE DE ADOLESCENTES DA COMUNIDADE SÃO REMO

São Bernardo do Campo, 31 de janeiro de 2007

## BANCA EXAMINADORA

_____

Profº Dr. Manuel Morgado Rezende

Orientador

_____

Profª Dra. Moneda Oliveira Ribeiro

_____

Profª Dra. Eda Marconi Custódio

# DEDICATÓRIA

Ao meu pai, que deu e continua dando o exemplo de vida, ensinando a valorizar mais o ser do que o ter.

Ao meu marido Makoto pelo apoio e compreensão, durante o processo de construção deste trabalho.

Aos meus filhos Philip, Tiago e André pela compreensão, renunciando os preciosos tempos que poderíamos estar juntos.

## AGRADECIMENTOS

A cada adolescente que participou desta pesquisa, com entusiasmo compartilhando as suas experiências, trazendo vida para a compreensão do significado dos riscos e proteção à sua saúde e à vida.

Ao Professor Dr. Manuel Morgado Rezende que me orientou e ensinou através dos seus conhecimentos e atitudes solidários, na construção deste trabalho.

À Deus que nos dá o desafio e a esperança de buscarmos alternativas para a construção de uma sociedade mais justa.

**EPÍGRAFE**

**“...e não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”**

**Romanos 12:2**

SHIMIZU, EI. **Situações de risco e proteção à saúde de adolescentes da Comunidade São Remo.** São Paulo, 2007, 100 pp. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo.

# RESUMO

No mundo, um em cada cinco pessoas estão na faixa etária de 10 a 19 anos, sendo que 85% habitam países em desenvolvimento (WHO, 2006). Brasil, 21% do total da população está nesta faixa etária (IBGE, 2002). A adolescência é considerada um dos períodos mais saudáveis da vida humana, porém é reconhecido o aumento dos índices de mortalidade em acidentes, suicídios, violência, complicações na gestação e outras doenças que podem ser prevenidas ou tratadas. O objetivo deste estudo é investigar as situações de risco e de proteção à saúde e à vida, vivenciadas por um grupo de adolescentes de baixa renda. É um estudo descritivo qualitativo, realizado na Comunidade São Remo, município de São Paulo, caracterizada pela pobreza e violência. O método utilizado para a coleta de dados foi o grupo focal. Participaram 20 adolescentes, divididos em dois grupos, um de 12 a 14 anos e outro de 15 a 18 anos, foram realizadas três reuniões com cada grupo. As reuniões foram gravadas, posteriormente transcritas e os conteúdos foram analisado, segundo os propostos de Bardin (1977). Os resultados da pesquisa demonstraram que situações de riscos à saúde estão presentes na fragilidade do suporte familiar, violência física causada por terceiros (com ênfase na violência policial), violência psicológica, situações de exclusão social vivenciadas na escola, uso de drogas e condutas transgressoras. Os fatores de proteção detectados foram: família com ênfase na mãe, religiosidade, professor como referência e projetos futuros. Os resultados demonstram que as situações de risco à saúde são mais evidentes do que de proteção para este grupo de adolescentes de baixa renda.

Palavra chave: adolescência, fatores de risco e de proteção, baixa renda.

SHIMIZU, EI. **Situations of risk and protection to the health among adolescents of São Remo Community.** São Paulo, 2007, 100 pp. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo.

## ABSTRACT

One in every five people in the world is an adolescent, a person between 10 and 19 years old. About 85% of that living in developing countries (WHO, 2006). In Brazil 21% of the population is in this age range, (IBGE, 2002). Adolescents are generally thought to be healthy, but it is recognizes the increase of the mortality in accident, suicide, violence, pregnancy related complication and other illnesses that are either preventable or treatable. The objective of this study is to investigate the situations of risk and protection to the health, for a low income adolescents. It is a qualitative descriptive study, carried through in the community of São Remo, São Paulo City, characterized for the poverty and the violence. The method used for collection of data was the focus group. 20 adolescents participated, divided in two groups, one of 12 to 14 years and another one of 15 to 18 years. Three meetings with each group were carried. The meetings were recorded, transcribed and the content of these data were analised according to Bardin (1977). The research results demonstrated that situations of risks to the health are consequence of the fragil familiar support, physical violence caused by third with emphasis in the police violence, psychological violence, test of social inclusion at school, use of drugs and transgressive behaviors. The factors of protection detected were: family, particulary the mother figure, religions, teacher as reference and future projects. The results demonstrate that the situations of risk to the health of low income adolescents are more evident than for those concerning protection.

Word key: adolescence, factors of risk and protection, low income

**SUMÁRIO**

**1. INTRODUÇÃO 11**

**1.1. Adolescência 13**
**1.2. Suporte social e familiar 15**
**1.3. Violência urbana 25**
**1.4. Violência psicológica 31**
**1.5. Uso de drogas e condutas transgressores 35**

**2. OBJETIVOS 39**

**3. MÉTODO 40**

**3.1. Ambiente 41**
**3.2. Critérios para a formação de grupos 43**
**3.2.1. Idade 43**
**3.2.1. Divisão do Grupo 43**
**3.3. Participantes por atividade nos grupos 44**
**3.4. Procedimentos 44**
**3.5. Tratamento dos dados 46**
**3.6. Aspectos éticos 47**

**4. RESULTADOS E DISCUSSÃO 48**

**4.1. Fatores de risco à saúde 48**
**4.1.1. Fragilidade do suporte familiar 48**
**4.1.2. Violência com risco de vida causado por terceiros 49**
**4.1.3. Violência psicológica 53**
**4.1.4. Desafio de inclusão social na escola 57**
**4.1.5. Uso de drogas e condutas transgressores 58**

**4.2. Fatores de proteção à saúde _____61**

**4.2.1. Família como fator de proteção com ênfase na mãe _____61**

**4.2.2. Religiosidade _____62**

**4.2.3. Professor como referência _____63**

**4.2.4. Projetos futuros _____64**

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____66**

**6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS_____71**

**5. ANEXO _____77**

**5.1. Anexo A: Comitê de Ética da UMESP_____77**

**5.2. Anexo B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido _____78**

**5.3. Anexo C: Transcrição dos fatores de risco e proteção identificados nas reuniões do Grupo A_____79**

**5.4. Anexo D: Transcrição dos fatores de risco e proteção identificados nas reuniões do Grupo B_____87**

## 1 INTRODUÇÃO

Na prática profissional como enfermeira e na participação de projetos do terceiro setor de promoção à saúde, observei o crescente envolvimento dos adolescentes que vivem em comunidades de baixa renda, em situações de risco como uso de álcool, drogas, envolvimento com violência, início da vida sexual precoce sem proteção com risco a contágio de doenças sexualmente transmissíveis e HIV, causando gravidez indesejada, abandonando os estudos, limitando as perspectivas pessoais e profissionais.

Adolescência é uma etapa de fundamentais transformações e é reconhecido o aumento dos índices dos problemas de saúde, devido à combinação dos fatores biológicos, psicológicos e sociais. A taxa de mortalidade por doenças é baixa, mas muitos adolescentes morrem prematuramente devido a outras causas como acidentes e comportamentos de risco (WHO, 2006).

A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a fase adulta, quando há um rápido desenvolvimento físico e emocional, um grande desafio psicológico na determinação da sua identidade, no poder de tomar as decisões e desenvolver a vida sexual, confrontando com muitas novas situações em que, muitas vezes, se adota comportamentos influenciado pelo meio sócio-ambiental. É um período caracterizado por intensa necessidade de explorar e experimentar o contexto em que se vive, trazendo crescimento, mas também tornando-o mais vulnerável ao engajamento em comportamentos que envolvam riscos pessoais, que possam ter conseqüências negativas, a curto e longo prazo, para uma vida adulta.

É constatado que um em cada 5 pessoas no mundo estão na faixa etária de 10 a 19 anos, isto significa 1,2 bilhões de adolescentes distribuídos no mundo, sendo que 85% habitam países em desenvolvimento, (WHO, 2006). No mundo, 60% dos adolescentes estão matriculados no ensino médio e é estimado que de 300 a 500 milhões de adolescentes não freqüentam a escola, e há pelo menos 73 milhões trabalhadores entre 10 a 14 anos. Ao mesmo tempo em que a urbanização tem aumentado o acesso à educação e aos

serviços de saúde, milhões de adolescentes ainda vivem na pobreza, têm uma educação inadequada, sem oportunidades de trabalho, sendo explorados, sofrendo discriminações raciais (WHO, 2006).

Anualmente, 1,7 milhões de jovens entre 10 a 19 anos perdem as suas vidas em acidentes, suicídios, violência, complicações na gestação e outras doenças que podem ser prevenidas ou tratadas (WHO, 2006).

Com a globalização, ocorreram grandes mudanças sociais e culturais, a estrutura e a influência dos valores da família sofreram abalos, a puberdade tornou-se precoce, os casamentos mais tardios, a liberação sexual tornou os adolescentes mais expostos aos riscos à saúde. Mundialmente, ocorreu um aumento da violência, do uso de tabaco, álcool e outras drogas, do suicídio, de abuso sexual, das doenças sexualmente transmissíveis, incluindo HIV/AIDS (WHO, 2006).

Entre 1985 e 1994, as taxas de homicídio aumentaram em muitas partes do mundo, especialmente entre jovens de 10 a 24 anos. No Relatório Mundial de Violência e Saúde de 2002, a WHO estimou que em 2000, ocorreram 1,6 milhões de mortes no mundo como resultado da violência, sendo que a maior incidência foi nos países pobres. Somente 10% destas mortes ocorreram nos países desenvolvidos. Destas mortes 520.000 foram por homicídio, sendo que a ocorrência no sexo masculino foi de 77%, prevalecendo a idade de 15 a 29 anos. Nos países da África e das Américas, a mortalidade por homicídios é quase três vezes maior do que a mortalidade por suicídio (WHO, 2002).

No Brasil, a população de 10 a 19 anos corresponde a 21% do total da população brasileira, o que equivale a 35.302.972 habitantes, sendo que 79% residem na zona urbana e 21% na zona rural (IBGE, 2000).

Estima-se que 70% das mortes prematuras entre adultos são devidos aos comportamentos iniciados durante a adolescência. Muitos hábitos e escolha de estilos de vida que começam durante estes anos críticos, contribuem imensamente para a saúde integral na fase adulta (WHO, 2006). Desenvolver

hábitos como consumir bebidas alcoólicas, substâncias psicoativas, fumo, envolver-se com a criminalidade, promiscuidade, persistem na fase adulta, aumentando os riscos à vida. A adolescência é uma fase de formação dos valores e da identidade quando proporciona situações que promovam os valores à vida, podendo influenciar positivamente na formação do cidadão e na construção de uma sociedade menos violenta.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), assegura à criança e ao adolescente todas as oportunidades e facilidades a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Considerando os 21% da população brasileira na faixa de 10 a 19 anos, identificar e conhecer as situações de risco e de proteção do adolescente, que vive nesta realidade de grandes desigualdades sociais, poderão contribuir para estruturar programas intersetoriais para esta faixa etária, priorizando a promoção e proteção à saúde, baseado nos princípios éticos da universalidade, eqüidade e integralidade, contextualizado à necessidade do adolescente, garantindo o direito constitucional à saúde desta população.

## 1.1 Adolescência

No Brasil, em 1990, foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente, que considera criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2006), a adolescência inicia-se aos dez estendendo-se até dezenove anos de idade.

Embora haja uma definição cronológica do adolescente, o desenvolvimento nesta fase da vida não se limita à idade cronológica e nem somente às diversas e importantes mudanças que acontecem no âmbito biológico e fisiológico. Outros autores abordam a adolescência segundo o desenvolvimento social e psicodinâmico característico deste período. Knobel (1981) aborda o processo de desenvolvimento do adolescente como “Síndrome da adolescência normal”, que se caracteriza por um período de vida, na qual o

indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, e para que isso ocorra é observável um certo grau de "conduta patológica", as lutas e rebeliões externas que evidenciam esta falta de adaptação e integração ao meio são apenas reflexos dos conflitos de dependência infantil que intimamente ainda persistem.

Knobel (1981) descreve dez sintomas que se manifestam na Síndrome Normal da Adolescência:

> "1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas; 5) deslocalização temporal; 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta; 9) uma separação progressiva dos pais e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo." (p.29)

À medida que elabora seus lutos (pelo corpo da infância, pela identidade infantil e pelos pais da infância), o adolescente terá um mundo interno mais fortificado e, portanto, com menos conflitos a serem externalizados.

Aberastury (1981) define a adolescência como um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social.

A fundamentação teórica sobre a "Síndrome da adolescência normal" de Knobel e Aberastury (1981) dá uma compreensão do processo de crises e mudanças individuais que os adolescentes passam na elaboração de sua identidade, porém, não contempla uma compreensão da influência sócio econômico cultural, onde este adolescente está inserido, no processo de sua formação.

Segundo Martins et al (2003), a visão sócio-histórica traz mais elementos demonstradores de que a inserção sócio-cultural é fundamental para compreendermos melhor o ser humano. O autor entende a adolescência como:
(...) um período e um processo psicossociológico de transição entre a infância e a fase adulta e que depende das circunstâncias sociais e históricas para a formação do sujeito. Sendo assim, a adolescência é um período/processo em que o adolescente é

convidado a participar, dinamicamente, da construção de um projeto seu, o seu projeto de vida. Neste processo, a identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, a experiência e a experimentação de novos papéis tornam-se importantes nas relações do adolescente com o seu mundo." (p.556)

Alvez apud Benincasa (2005), diz que pensar em adolescência só é possível enquanto um fenômeno social, constituído por uma sociedade de classes, composta por regras rigidamente definidas pela produção no mundo do trabalho e do consumo, produzindo uma visão de mundo marcada pelo preconceito e pela discriminação social, onde estão em jogo a exclusão e a inclusão no e do mundo das relações de produção.

A pesquisa de Araújo (2001) realizada com jovens moradores de uma comunidade localizada na periferia de Belo Horizonte, retrata como a violência que ocorre em casa ou no bairro e a discriminação social, sofrida no ambiente escolar por morar nesta comunidade considerada violenta e perigosa, influencia o processo de construção de identidade deste grupo de adolescentes.

O contexto familiar, social, econômico e cultural das diferentes classes da sociedade, participam na construção da identidade dos adolescentes, marcando e perpetuando o lugar que cada grupo ocupa na escala hierárquica social.

### 1.2 Suporte social e familiar

No Brasil, a família, e a cadeia de relações que se estrutura em torno dela, ainda é uma forte referência da subjetividade, sobretudo entre as camadas mais pobres da população. Na ausência do Estado, a família é a unidade capaz de prover ajuda e proteção nas situações de necessidade. Na listagem das pessoas que os jovens mais admiram, a lista é encabeçada pela *mãe*, descrita como *uma lutadora*. (GONÇALVES, 2005).

Na pesquisa de Paredes e Pecora (2004), a mãe também se destaca como a maior interlocutora que influencia o jovem nas suas escolhas e nas suas preocupações com o futuro.

A família é a fonte primeira da maioria das crenças e comportamentos relativos à saúde, transmitidos às crianças e aos adolescentes, como diz Milani (1999):

> "Embora existam múltiplas formas de família em nossa sociedade, distintas dos moldes tradicionais, o fato é que, independente de sua estrutura, a família é o primeiro grupo, a primeira escola, a primeira comunidade e a primeira experiência de exercício da cidadania que todo indivíduo vivencia, sendo essa experiência profundamente marcante e, muitas vezes determinante na trajetória da vida." (p. 392)

Quanto mais estáveis, afetivas e harmoniosas forem as relações interpessoais na família, menor o risco de os filhos desenvolverem comportamentos antissociais. Sanchez et al (2005), identificou que a família, e em especial a figura da mãe, foi o fator protetor mais frequentemente citado pelos adolescentes contra o uso de drogas, adquirindo importância na estruturação do ser, fornecendo, segundo os próprios entrevistados, elementos essenciais como apoio, carinho e proteção. A família como fator protetor foi mencionada por 25 dos 32 não usuários entrevistados, apresentando-se neste grupo, como base fundamental da educação na infância e adolescência e como parâmetro de controle das atitudes e companhias dos filhos. Nesta mesma pesquisa, os dados mostraram que uma família desestruturada, caracterizada pela falta de diálogo e interação afetiva entre seus membros, baixo envolvimento dos filhos nas atividades familiares e pouco controle dos pais sobres suas amizades e atividades desenvolvidas, funciona como influência negativa, facilitando o consumo de drogas por adolescentes.

Schenker & Minayo (2003), realizaram uma revisão de literatura sobre a implicação da família no uso abusivo de drogas, e identificou que a família tem um papel importante na criação de condições relacionadas tanto ao uso abusivo de drogas pelos adolescentes, quanto aos fatores de proteção,

funcionando igualmente como antídoto quando o uso de drogas já estiver instalado. Vínculos e ajustes saudáveis com a família e com a escola previnem a associação do jovem com as ditas “más companhias” na adolescência. As interações com a família, a escola e os amigos na adolescência, funcionam para o jovem como mediadoras das outras influências sociais como a religião, a mídia e a comunidade.

Assis (1999) constatou dados semelhantes em estudo realizado com adolescentes infratores, onde a maioria dos entrevistados era pertencente à classe popular, vivendo em situação de pobreza e exclusão social, com extremo grau de fragilidade das famílias, caracterizado por pais separados, ausência da mãe nos lares, distanciamento da figura paterna, relacionamentos marcados por agressões físicas e emocionais e precário diálogo intrafamiliar. Foi constatado também alta incidência de história de envolvimento familiar em infrações e falta de controle familiar sobre os infratores.

As crianças e os adolescentes aceitam a autoridade dos pais, o estabelecimento de regras claras e coerentes e a imposição de limites, quando há uma relação de confiança e afeto entre eles(SCHENKER & MINAYO, 2003). Sabe-se que os pais continuam influenciando seus filhos adolescentes, ainda que, nesta fase, o grupo de amigos se torne muito importante.

O segundo fator protetor mais citado pelos entrevistados na pesquisa de Sanchez et al (2004), foi a religiosidade, entendida como a crença e prática dos fundamentos propostos por uma religião. Os não-usuários de drogas atribuem um papel importante à religiosidade para impedir o início do consumo de drogas e em contrapartida, os usuários atribuem à religiosidade a importância como fator preventivo, ajudando-os no abandono do consumo ou até na sua redução drástica, expondo-os a um menor prejuízo.

Na Síndrome da Adolescência Normal, Knobel (1981) observa que o adolescente pode se manifestar como um ateu exacerbado ou como um místico muito fervoroso. Nesta fase de mudanças, na busca da sua identidade a religião pode auxiliar na construção de sua verdadeira ideologia de vida.

Sanchez et al (apud Miller 2004), sugeriu que para a grande maioria dos usuários e dependente de drogas psicotrópicas, que não tem ou não acredita na religião, a droga ocuparia a posição do Ser Superior. Para os não-usuários, a religião na família é importante em sua estruturação e como influência a ser seguida, fornecendo uma educação que afastaria o sujeito de comportamentos de risco que podem culminar no uso de drogas (SANCHEZ ET AL, 2004).

A família e a religiosidade são suportes que fortalecem o adolescente na sua formação para prevenir e se afastar das situações de risco à saúde. Conforme Knobel e Aberastury (1981), uma das características do adolescente é a tendência de viver em grupo, em busca pela "uniformidade", capaz de fornecer segurança e estima pessoal. Ele transfere ao grupo grande parte da dependência que, anteriormente, era dirigida aos pais. O grupo se torna, então, a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta.

Os países desenvolvidos priorizam a educação na construção de sua nação. O Japão é um exemplo de país que chegou à liderança mundial, após a segunda guerra investindo na educação das suas gerações.

Segundo Liberal et al (2005):

> "A escola é um dos pilares da educação, da construção da cidadania, da formação de um povo e de uma nação. É por meio dela que a criança inicia sua educação, sua integração e inclusão social, seus relacionamentos e seus potenciais, ou seja, relações complexas que se estendem por toda a vida." ( p.157)

A experiência escolar marca a vida do adolescente, menos pelo conteúdo das disciplinas e mais por ser uma grande vivência de socialização, de convívio com as diferenças, um espaço no qual o aluno desenvolve (ou não) capacidades tais como ouvir, negociar, ceder, participar, cooperar, perseverar e

lhe é oferecida a oportunidade de interagir com outros adultos e de identificar outros modelos de referência (MILANI, 1999)

No Brasil, onde as desigualdades sociais são acentuadas, a escola nem sempre é um local que promove a cidadania para os jovens, muitas vezes ela reforça as diferenças. Segundo Bourdieu (1982) para os alunos da classe dominante, a cultura escolar seria a sua própria cultura, reelaborada e sistematizada, porém para as classes menos favorecidas, seria uma cultura "estrangeira". Ser avaliado pelo estilo de falar, de escrever e até mesmo de se comportar, torna a escola ameaçadora, caracterizando a legitimação das desigualdades sociais. (NOGUEIRA, 2002).

Pesquisa realizada na cidade de Fortaleza, com crianças de baixa renda ao longo do seu primeiro ano escolar, evidenciou que a forma como a professora lida com as dificuldades das crianças, é responsabilizando as próprias crianças e as suas famílias pelo seu fracasso; a expectativa negativa dela em relação às suas possibilidades; o autoritarismo, a violência e a cobrança do que não sabem são sentidos e expressados intensamente ao longo de todo o ano. O grande saldo negativo da experiência escolar dessas crianças foi a diminuição da sua auto-estima, tanto como aprendizes quanto como pessoas (CRUZ, 1997).

Um dos grandes problemas que emergiu na pesquisa de Zaluar e Leal (2001), foi a confirmação de que o corpo docente e administrativo da escola mantém uma posição bastante distanciada dos alunos, culpando-os pelo fracasso escolar e que isso repercute no modo como os alunos pobres se vêem e seus responsáveis os consideram, podendo deixar seqüelas profundas no jovem.

Milani (1999) também refere que o fracasso escolar freqüentemente gera um processo de culpabilização e deterioração da auto-estima do adolescente, com sentimentos de inferioridade por acreditar que, tendo fracassado na escola, fracassará também na vida. Dessa forma, tanto o insucesso escolar pode ser a causa de comportamentos agressivos, quanto a violência pode motivar o baixo desempenho acadêmico.

O adolescente inserido numa favela tem como referência a realidade sócio, econômico e cultural desta comunidade. Geralmente as escolas estão próximas, mas fora da favela, os estudantes são moradores da região, mas nem sempre da mesma comunidade. Neste contexto, ocorre a discriminação daquele que mora na favela e do que mora no bairro. Gomes et al (2006) realizou pesquisa com adolescentes no Distrito Federal e os resultados mostram que uma sociedade consumista valoriza as manifestações externas de posse, levando até a estratificação interna nas escolas de jovens que se vestem desta ou daquela maneira e dos que moram nesta ou naquela cidade satélite.

É neste contexto escolar que os adolescentes confrontam as diferenças culturais, sociais, econômicas, e muitas vezes são marginalizados pelos colegas e pelas autoridades da escola. Esta experiência difícil da vida escolar, mais as situações de desigualdades vividas fora do âmbito escolar, associada às mudanças físicas, emocionais, na busca de sua identidade, levam a um contínuo conflito e confronto entre professores e estudantes e entre os próprios estudantes.

Segundo Gomes (2006):

> "(...) as forças antagônicas alcançam um equilíbrio precário por meio da disciplina. (...) parecem elas panelas de pressão, em que os diferentes grupos se entrechocam, utilizando as violências físicas e verbais. Nas escolas públicas, em particular, as tensões surgem não só do embate entre professores e alunos e entre alunos, mas também resultam de conflitos exógenos à escola, isto é, as lutas de gangues. A violência da sociedade se introduz nos estabelecimentos, acrescentando ou amplificando os conflitos que nela existem potencial ou manifestante" (p.30)

Este sofrimento psicológico decorrente do ambiente escolar pode marcar a vida do adolescente, afetando seu desempenho escolar e levar à condutas anti-sociais. Estudantes que evadem da escola, burlam aulas ou têm auto-imagem

acadêmica pobre, apresentam maiores probabilidades de se engajarem em comportamentos violentos e de risco para sua saúde (MILANI, 1999),

A experiência destes jovens moradores de comunidades menos favorecidos não contribuem positivamente na construção de sua identidade. Na pesquisa realizada com jovens infratores a representação da escola foi:

> "A escola apareceu como um local com poucos atrativos para muitos adolescentes, algumas vezes lhes possibilitando encontrar amigos com os quais acabam se envolvendo no uso de drogas ou no cometimento de outras infrações. Dentro dela ou no seu entorno são freqüentes as narrativas de violências vividas ou cometidas por eles. Fica claro, no presente estudo, a precária vinculação que se estabelece entre essa instituição e seus educadores e o adolescente. Também é falho seu papel na disseminação dos conteúdos educacionais formais e como formadora dos princípios éticos e morais. Para a maioria dos entrevistados fracassou como instituição de formação para a vida cidadã. " (ASSIS, 1999, p.143)

O sistema educacional público não tem sido priorizado, necessitando de investimento na sua estrutura, na valorização e na qualificação de profissionais para acolher os jovens na construção da sua identidade e cidadania.

As pesquisas de Soares et al (2003), também apontam que os estudantes consideram que a direção da escola não tem disponibilidade para ouvir os alunos. Zaluar e Leal (2001) retratam que a expressão que mais se ouviu nas entrevistas com os estudantes foi; "dar-se o respeito", síntese de um desejo da população residente em áreas pobres de ter reconhecida a sua dignidade, mas igualmente de reconhecer a dignidade do diferente.
O jovem como qualquer outro indivíduo tem a necessidade de ser respeitado, ser tratado com dignidade. Segundo Silva (2006):

> "... o professor é um dos primeiros substitutos dos pais. É ele quem ensina desde a forma de pintar e colar mais adequada, das primeiras letras até a construção de frases para a elaboração de um texto mais complexo. É ele quem proporciona que o aluno transforme um papel em branco em uma

> redação, em uma história. (...) a aprendizagem vincula-se às relações afetivas estabelecidas entre professores e alunos... ” (p.167)

Quando o professor acolhe com respeito o aluno, pode desenvolver um relacionamento transformador, ele se torna um educador não somente para ensinar o conhecimento intelectual, mas também para a produção de hábitos sociais, à internalização e aprendizado de regras morais e de conhecimentos essenciais ao exercício da cidadania (ZALUAR e LEAL, 2001).

A escola é um espaço importante na construção da identidade através da convivência com pessoas de diferentes contextos familiares, sociais e culturais, tendo o professor um papel fundamental neste processo de socialização e construção da cidadania.

Além da escola, os adolescentes necessitam de outros espaços saudáveis para a vivência, na construção de relações com os seus grupos, porém nas comunidades de baixa renda, conforme relata Gonçalves (2005):

> “(...) os amigos de antes ingressam na marginalidade e não podem mais compartilhar espaços nem tampouco histórias de vida; freqüentar os bares, os pontos de encontro, é atitude que requer um esmiuçar constante dos riscos envolvidos; a ida à escola deve considerar, a cada dia, se é possível ir, ficar e voltar. A praça, que nas comunidades mais pobres é o lugar da vida social, nem sempre está disponível para a brincadeira, o namoro, o encontro com os amigos. Assim descrita, a vida nas comunidades emerge como o lugar de uma forma bastante peculiar de socialização, em que será necessário ao jovem exercitar a percepção, *ficar esperto* para escapar das inúmeras armadilhas que as trocas sociais oferecem.” (p.211)

Os jovens que vivem em comunidades menos favorecidas, não possuem espaços de lazer e cultura, na escola se sentem discriminados e nem sempre o ambiente familiar é favorável, carecendo de suporte social para desenvolver relações saudáveis. Os jovens do Distrito Federal, também assinalaram a falta de equipamentos e serviços de lazer (“não tem o que fazer”), a deficiência em geral dos serviços públicos e a falta de emprego, (GOMES, 2006), que gera

ociosidade e situações que podem potencializar o risco de envolvimento do jovens com drogas, crimes e outras situações de risco.

Segundo Assis (1999), no estudo de jovens infratores, a ausência de redes sociais de apoio ficou evidente na vida desses jovens, dificultando a implementação de estratégias de prevenção, como as que já vem sendo implementadas em outros países. A atuação das instituições básicas, responsáveis pela socialização, como a família, a escola e a instituição religiosa, passa por sérias crises no exercício de suas funções sociais.

Zaluar (1997), refere que a violência desconhece as regras da sociabilidade, do respeito mútuo, da aceitação do outro, e que classifica qualquer mínima diferença de local de moradia, turma, galera, como inimigos, portanto há uma necessidade de restaurar as redes locais de reciprocidade positiva, reforçar a solidariedades enfraquecida entre as gerações, intra e extra-classe.

Uma das razões da evasão escolar citado pelos alunos na pesquisa de Zaluar e Leal (2001) foi a necessidade de trabalhar, seja para ajudar a família ou ter o dinheiro próprio para comprar produtos de consumo. Esta situação de abandonar o estudo e começar a trabalhar em empregos formais ou informais, limitam o seu futuro profissional.

Segundo Paredes e Pecora (2004), as representações sociais de perspectivas de futuro para o grupo de jovens, parecem ser construídas com base em estudo, trabalho, família e qualidade de vida. Para ser alguém no futuro e possuir *status* social, precisa ter um emprego e para isso o jovem se vê forçado a estudar. O estudo e o trabalho servem de ancoragem para a mobilização social.

Embora ele tenha a perspectiva de ascensão social, por meio do estudo e do trabalho, a pobreza, a discriminação, a violência, e as dificuldades de conseguir um trabalho, deixam-no numa situação de risco, conforme o relato do adolescente:

> "... se um jovem quer trabalhar e não arruma emprego, ele vai é vadiar, não é?; Os que estão à toa só ficam pensando besteira. Quem trabalha é diferente." (MUZA E COSTA, 2002, p. 326)

O jovem quer trabalhar e tem sonhos, mas diante da falta de oportunidades, começa a perceber e a sentir a falta de perspectivas para o futuro. Conforme a pesquisa de Soares et al (2003), entre os coordenadores pedagógicos um problema social citado é o desemprego dos chefes de famílias e a falta de perspectivas dos estudantes.

Na pesquisa realizada por Matheus (2003), identificou-se que a agressividade expressa-se como crítica ou questionamento das contradições da realidade que vivem, ela própria é reação à violência com as quais são obrigados a conviver em seu cotidiano, violência das desigualdades e injustiças sociais. Para se fazer escutar por um meio social frequentemente amortecido e surdo aos problemas coletivos, a violência surge, para os jovens, como recurso extremo.

Os sonhos, os desafios e a perspectivas de um futuro melhor, impulsiona e move os jovens, afastando os das situações de risco, porém quando começam a perceber e a sentir a impotência diante da realidade que os cerca, as opções de dinheiro mais fácil os seduz, conduzindo os à situações de risco.

Diante da inquietação social, devido a elevadas taxas de desemprego juvenil, ao aumento da violência, o envolvimento com a criminalidade e o narcotráfico, o governo, pressionado, busca alternativas e tem desenvolvido programas em parceria com as empresas privadas como o Programa Jovem Cidadão: Meu Primeiro Emprego, porém não tem tido resultados de impacto para reduzir as desigualdades sociais, conforme o estudo de Madeiras (2004).

Neste contexto, nas últimas décadas, o Terceiro Setor tem desenvolvido projetos, que proporcionam oportunidades para que o jovem participe de atividades de educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura, educação, entre outros, que estimulam à convivência familiar e comunitária, para

promover ambientes de proteção para o desenvolvimento e para a consolidação dos valores destes adolescentes.

O terceiro setor é considerado hoje, ao lado do Estado e do setor privado, um importante sustentáculo da sociedade moderna e vem ganhando muita importância e destaque na atuação como sociedade civil. Atualmente, distintas iniciativas e projetos têm buscado alternativas de prevenção das violências e de promoção da saúde, mediante mobilização da comunidade e intervenção do poder público para atuar em defesa da paz e na melhoria da qualidade de vida e da saúde da população. Ainda que tais intervenções não incidam significativamente sobre a estrutura social geradora das desigualdades econômico-culturais, têm o potencial de reduzir as taxas atuais de violência por promover valores de paz e oferecer certas oportunidades, (CARDOSO, 2004).

### 1.3 Violência urbana

No relatório Mundial sobre Violência e Saúde, a WHO (2002), define violência como:

> "O uso de força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação" (p.5)

No Brasil, ao longo das últimas duas décadas, vêm se destacando os óbitos por causas externas (acidentes de trânsito, afogamentos, suicídios, homicídios, quedas acidentais, etc.). Entre 1980 e 2003, esta incidência afetou, principalmente, a população masculina jovem. A incidência no sexo feminino foi de 18 para 22 óbitos a cada 100 mil jovens e no sexo masculino de 121 para 184 óbitos, portanto, em 2003, morriam cerca de dez vezes mais jovens do sexo masculino que do feminino (IBGE, 2004)

No período de 1980 a 2000, foram computados pelo Sistema de Informação de Mortalidade, do Ministério da Saúde, um total de 2 069 866 óbitos por causas externas, dos quais 1 700 885, ou seja, 82,2% foram de óbitos masculinos. Em particular, no ano 2000, 118 367 mortes ocorreram por causas externas, o que representou 12,5% do total de óbitos no país.

Em 2000, o número de homicídios por 100 mil habitantes variou de acordo com a unidade da federação, enquanto em nível nacional a taxa era de 27 óbitos para cada 100 mil habitantes, no Estado de Pernambuco esse valor foi o dobro (54), seguido pelo Rio de Janeiro (51), Espírito Santo (46) e São Paulo (42). A situação da mortalidade por homicídio mostrou-se mais grave quando considerados os óbitos masculinos de adolescentes e jovens com idade entre 15 a 24 anos. Para esta população, as taxas de mortalidade por homicídio em cada 100 mil habitantes foram elevadas no Rio de Janeiro (205), Pernambuco (198), São Paulo, Espírito Santo e Amapá (153) e Distrito Federal (133) (IBGE, 2003),

De 1991 a 2000, no Brasil houve um aumento de 95% nas taxas de mortalidade masculina por homicídio com armas de fogo, por 100 mil habitantes. Em 2000, as maiores taxas de mortalidade masculina por homicídio em cada 100 mil habitantes com arma de fogo, na faixa de 15 a 24 anos, ficaram com o Estado do Rio de Janeiro (182), seguido por Pernambuco (180), Espírito Santo (122), São Paulo (115) e Distrito Federal (113), (IBGE, 2003).

Os índices de mortalidade masculina por lesões intencionais no Brasil aparece com taxa de 50,2 por 100.000 habitantes, sendo que esta taxa na Colômbia é de 122,4, na França 24,1 e na Argentina 19,0. Estudos mostram que para cada homicídio de jovens há vinte ou quarenta vítimas nesse grupo sofrendo agressões e outros tipos de violência não-fatais e recebendo tratamento hospitalar (WHO, 2002).

As produções científicas nacionais e internacionais apresentam características semelhantes em relação às análises dos homicídios. Ambas destacam o problema do porte e uso de armas de fogo associado ao uso de drogas, como de alta relevância para a mortalidade de jovens. A maior incidência em grupos sociais mais pobres e que vivem em periferias urbanas ressalta que essas mortes expressam desigualdades sociais profundas e exclusão socioeconômica nas diferentes áreas do mundo. (SOUZA et al, 2003).

Um dos traços mais marcante da sociedade brasileira é a grave desigualdade social, a razão entre a renda dos 10% mais ricos é de 18 vezes mais que os 40% mais pobres. Cerca de 1% da população mais rica acumula quase o mesmo volume de rendimentos dos 50% mais pobres (IBGE, 2002). Esta desigualdade na distribuição da renda, também reflete nos índices de saúde. É nas áreas com maior concentração de comunidades carentes, que ocorrem os maiores coeficientes de mortalidade infantil e geral, os níveis mais baixos de expectativa de vida e as mais elevadas taxas de violência. Vários estudos relacionam a violência com os indicadores de saúde, de distribuição de renda e os índices sócio-demográficos. Szwarcwald (1999), evidenciou em sua pesquisa, realizada no município do Rio de Janeiro, correlações significativas dos indicadores de desigualdade de renda com os indicadores de saúde, demonstrando que as piores condições de saúde não podem ser dissociadas das disparidades de renda. A taxa de homicídios foi o indicador mais correlacionado, demonstrando que a questão da violência urbana entre jovens brasileiros não pode ser dissociada da aguda disparidade presente na nossa sociedade.

Reconhecidamente, o crescimento dos homicídios nas favelas do Rio de Janeiro está relacionado ao aumento da criminalidade secundária à expansão do narcotráfico. Neste ambiente, os jovens se socializam sobre a sua exposição à violência e sua eventual inserção nos circuitos de criminalidade. O aumento das mortes por violência pode ser examinado como um reflexo da vulnerabilidade dos jovens carentes ao engajamento na atividade criminal.

Macedo (2001), também indica em sua pesquisa que a mortalidade por homicídios na cidade de Salvador distribuiu-se de forma desigual entre os estratos de condições de vida. As áreas com indicadores mais elevados corresponderam, na maioria das vezes, a bairros cuja população apresentava precárias condições de vida.

Os resultados encontrados por Gawryszewski & Costa (2005), num estudo sobre homicídios e desigualdades sociais no Município de São Paulo, demonstraram a profunda desigualdade existente na ocupação do espaço

urbano, expressada na morte violenta, uma vez que as vítimas de fato estão concentradas em alguns limites geográficos, de indicadores socioeconômicos mais desfavoráveis, indicando que o crescente processo de exclusão social contribui para o aumento da violência em áreas urbanas.

A violência abrange todas as classes sociais, porém a sua distribuição é desigual nos espaços urbanos, e numa cidade como São Paulo, conforme o mapa da exclusão social de Sposati (2000), a sua distribuição apresenta com clareza, a correlação estreita entre a desigualdade social e a violência urbana. No extremo sul e extremo leste da cidade, onde se apresentam as maiores taxas de mortalidade por homicídio de São Paulo, se concentram também os maiores índices de exclusão social.

Conforme Sant'ana (2005), os índices de mortalidade por homicídio em adolescentes refletem um dos sintomas do quadro social brasileiro, que torna vulnerável esse grupo populacional, expondo-o a situações que determinam sua morte de forma precoce e violenta.

A violência física, traduzida nos homicídios, agressões, violações, roubos a mão armadas tem crescido na sociedade, gerando uma sensação de medo, impotência, insegurança e desconfiança, angustiando a sociedade, porém a violência urbana não se limita somente à violência física, entende-se violência como "qualquer ação ou omissão realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionam danos físicos, emocionais, morais e espirituais a si próprios ou aos outros" (BRASIL, 2001)

Pesquisa realizada por Minayo (1990), constatou que somente 3% da produção acadêmica era anterior à ou da década de 60; 11% da década de 70; e 86% da década de 80, quando então os estudos tomaram uma direção de crescimento em número, abrangência, inclusão de temáticas e complexidade das abordagens, demonstrando a relevância da evolução do tema na última década.

Na década de 90 o tema da violência contra crianças e adolescentes, foi investigada de forma muito ampla, na pauta da geração de conhecimento

científico e de formulação de estratégias sociais, conforme a revisão bibliográfica realizada por Assis & Constantino (2003).

**a) Violência policial**

O problema da violência e da criminalidade na sociedade vem crescendo, e as instituições encarregadas de combater a violência e de promover a justiça, ou seja, os representantes dos órgãos de segurança a polícia civil e militar estão constantemente envolvidos em violência contra as populações discriminadas, com o tráfico, corrupções e suspeitas de crimes.

O senso comum, a mídia e também análises de cunho acadêmico têm revelado grande consenso ao insistir no caráter violento da atuação policial, além de enfatizar que essa violência é o estopim para outros tipos de violência protagonizados pelo cidadão comum, numa resposta em cadeia, que se converte em uma espécie de círculo vicioso. (PORTO, 2004)
O policial se sente acima da lei, superior ao cidadão normal para promover a justiça. Porto (2004), ressalta que o efeito possível desses conteúdos valorativos é que, na prática, o policial se percebe “protegido” por uma cultura institucional que inclui a violência como possibilidade para conter a violência (e as transgressões de modo mais amplo).

No Brasil, é histórico o abuso do poder público para “conter” a criminalidade, Pinheiro (1997), refere que as práticas autoritárias seriam ainda resultado direto da continuidade e de uma longa tradição de autoritarismo das elites contra as não-elites que, por sua vez, são reproduzidas entre os mais pobres. Esta violência é “endêmica” e faz parte, desde o Brasil tradicional, da estrutura social e política brasileira.

As ações policiais de revista e averiguação, acompanhadas por ofensas, pancadaria, exibição de armas e tiroteio, representam uma afronta para os moradores, negando a imagem que estes têm de si mesmo como pessoas direitas, trabalhadores honestos e pais de família, que não se identificam com os fora-de-lei (MACHADO & NORONHA, 2002). Esta conduta policial reafirma

na subjetividade das comunidades uma imagem negativa, de violência, de injustica, de revolta, de descrença e medo por eles.

No livro sobre a Rota de São Paulo, Caco Barcelos (2001) se diz surpreendido, pois:

> "(...) os criminosos não representam a maioria entre as pessoas mortas pelos policiais militares. O resultado de minha investigação, que abrange o período de 22 anos de ação de matadores, mostra que a maior parte dos civis mortos pela Polícia Militar de São Paulo é constituída pelo cidadão comum, que nunca praticou um crime: o inocente." (p.257)

Contra os cidadãos oriundos das camadas populares, de onde vem a maioria dos delinqüentes, o policial acaba agindo com mais rigor ou com excesso de poder e arbitrariedade, porque os julgam, com base em critérios subjetivos e baseados na condição de classe ou de cor, como criminosos em potencial que colocariam em risco não só a ordem social, como a sua própria vida (COSTA, 2004).

A violência policial é mais evidente contra a população de baixa renda e o estudo de Machado & Noronha (2002), revela que, ainda que não poupem mulheres e pessoas idosas, os abusos recaem principalmente sobre a rapaziada negro-mestiça do bairro periférico que, vista como mais perigosa, é freqüentemente abordada, revistada e espancada. O fato de os rapazes não poderem reagir facilita a punição antecipada, o bater antes de indagar e o traumatizar os corpos para nele inscrever o medo.

Numa pesquisa realizada com jovens infratores na cidade de Rio de Janeiro e Recife, a total rejeição e ódio a policiais ficou evidente tanto pelos infratores quanto pelos irmãos e primos dos mesmos (ASSIS & SOUZA, 1999). A violência praticada por policiais colocam em risco a vida dos adolescentes, que muitas vezes, são inocentes, que vivem na pobreza, estudam e estão buscando oportunidades de vida. Dentre vários episódios ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, podemos citar a morte de 11 jovens favelados moradores na periferia (Acari), em junho de 1990, o assassinato de sete menores que

dormiam às portas da igreja da Candelária, uma das principais do Rio de Janeiro, em julho de 1993, e o massacre de 21 pessoas residentes em uma das favelas mais pobres e violentas da cidade (Vigário Geral), em agosto do mesmo ano, crimes pelos quais foram acusados, respectivamente cinco, sete e 49 policiais militares (LEITE, 2000). Estes acontecimentos que foram largamente divulgadas na mídia nesta época e mobilizaram os movimentos de Direitos Humanos, são apenas um sinalizador do envolvimento de policiais contra este grupo vulnerável na comunidade.

### 1.4 Violência psicológica

A construção da identidade se dá no contexto onde o jovem vive o dia-a-dia, nos espaços da família, da escola, da rua e da comunidade. A referência para a formação deste jovem que vive numa comunidade pobre é a realidade envolta de pobreza e de violência.

Segundo Guarechi:

> "A pobreza e o sofrimento são tomados como fatores que constituem a favela, a partir dos quais as pessoas desenvolvem valores sociais e morais, pois o modo como os experimentam, apresenta-se de diferentes formas, de acordo com a posição que ocupam em relação aos discursos da pobreza e do sofrimento. Através disso, definem e classificam não só a si mesmos, mas também às pessoas da vizinhança ou que moram fora da favela." (2003, p.49)

Diante desta realidade o jovem vive o sofrimento de ser pobre e do que esta pobreza acarreta na sua vida diária, causando uma violência psicológica na formação de sua identidade.

Neste mesmo estudo de Guarechi (2003), a pobreza é identificada através da estrutura e material das casas e nas roupas das pessoas; os moradores da favela são objetivados como pessoas sem educação, pobremente vestidas e que falam incorretamente. Tais características são tidas como critério, a partir do qual as pessoas das camadas média e alta identificam aqueles que moram

na favela. Assim, em contraste com a pobreza da favela, dizem que estas pessoas de camadas mais elevadas se vestem bem, são educadas, têm uma boa aparência e falam diferentemente.

A pesquisa de Araújo (2001), realizada com jovens moradores na Vila Luz (comunidade considerada violenta e perigosa na periferia de Belo Horizonte), retrata como os adolescentes que se sentem vítimas na Vila Luz, chegam à escola e vivem o estigma do "malandro".

Esta mesma discriminação por morar numa comunidade "marginalizada" também é constatada no estudo de Leite (2000) no Rio de Janeiro. O estigma sobre os favelados é renovado devido a criminalidade violenta e o narcotráfico. As contradições que opõem "morro" e "asfalto", traficantes e trabalhadores, favelados e cidadãos ficam caracterizadas neste estudo, no relato que o medo e preconceito fundem-se e materializam-se em uma paisagem urbana dominada por grades e aparatos de segurança e em que as favelas e as periferias são conotadas como "celeiros da marginalidade". Mesmo sendo um trabalhador honesto, o fato de morar no "morro", faz com que ao sair dela, aquele que está do outro lado já o discrimine como um marginal.

A discriminação não se limita apenas a residir nestas áreas, mas também é sofrida por serem pobres e negros conforme os estudos de Machado & Noronha (2002), que relatam que a violência policial é mais evidente contra a população de baixa renda, e principalmente sobre a rapaziada negro-mestiça, que são vistos como a mais perigosa.

A taxa de homicídio em jovens também reflete esta discriminação. Segundo Minayo (1994), no Brasil a violência tem atingido diretamente a juventude, e a principal faixa de risco da taxa de mortalidade por homicídio são adolescentes de 10 a 19 anos, do sexo masculino, residentes em áreas pobres e às vezes periféricas das grandes metrópoles; de cor negra ou descendentes dessa etnia, com baixa escolaridade e pouca ou nenhuma qualificação profissional.

Segundo o Ministério da Saúde, a categoria de abuso psicológico consiste em agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou ainda, isolá-la do convívio social (MS, 2001).

No Brasil, não há estatísticas oficiais sobre a magnitude da violência psicológica em criança e adolescente na sociedade, a escassez de ferramentas voltadas para a detecção e o incipiente desenvolvimento de estratégias de aferição para investigação dificultam o diagnóstico acurado desse fenômeno (AVANCINI et al, 2005), mas os estudos citados acima de violência (LEITE, 2000 e MINAYO, 1994) nos indicam que a violência psicológica, ou seja, a discriminação por ser morador de favela, negro e pobre é um fator de risco importante para a saúde do adolescente.

Outro fator de risco relevante é a depressão em adolescentes. Bahls (2002), realizou uma revisão bibliográfica sobre os aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes e identificou estudos que indicam que a depressão na infância e na adolescência se reveste de importância especial quando se considera a questão do comportamento suicida. Existem relatos de comportamento suicida e suicídio já em crianças pré-escolares, e a ocorrência em adolescentes está aumentando.

Filho et al (2002), numa pesquisa do perfil epidemiológico das tentativas de suicídio por substâncias químicas em adolescentes e jovens atendidos pelo Centro de Controle de Intoxicações de um Hospital Universitário, concluiu que, o aumento das tentativas de suicídio, ocorreu entre adolescentes do sexo feminino, que utilizaram medicamentos psicoativos e associaram-se à depressão e ao abuso de álcool e drogas pelos pacientes e familiares. Os motivos foram relacionados a eventos estressores como perdas interpessoais, conflitos familiares e desilusões amorosas.

Numa pesquisa sobre epidemiologia dos sintomas de depressão em adolescentes numa escola pública de adolescentes no Rio Grande do Sul, confirmou-se a existência de alto índice de sintomas depressivos entre adolescentes estudantes, havendo um nítido predomínio do gênero feminino

sobre o masculino e com provável pico de aparecimento no período dos 12 aos 15 anos de idade (BAHLS, 2002).

Segundo a WHO (2002), a taxa de suicido mundial no ano de 2000 foi estimado em 815 000 pessoas, sendo que 60% destes casos ocorreram com pessoas de 15 a 44 anos. Na Europa e na região sudeste da Ásia, as taxas de suicídio é mais do que o dobro das taxas de homicício, e na região oeste do pacífico, as taxas de suicídio são quase seis vezes maiores do que homicídios. Nas Américas a taxa de suicídio é quase três vezes menor que de homicídio (WHO, 2002), por isso quando a saúde do adolescente é abordada, a situação de risco por violência tem uma grande relevância, mas não podemos desconsiderar o risco à saúde por depressão que pode levar ao suicídio, pois as pesquisas de Bahls (2002), indicam que a depressão é responsável pela maioria dos suicídios entre jovens, alcançando valores próximos a 10% nos casos de depressão maior.

### 1.5 Uso de drogas e condutas transgressores

A Organização Mundial da Saúde (2004), estimou que no mundo há aproximadamente 2 bilhões de pessoas que consomem álcool e 76,3 milhões com alterações de saúde por uso de álcool e este consumo de álcool tem contribuindo para a morte ou limitação de muitas pessoas jovens.

A questão do uso e abuso do álcool e de substâncias psicoativas, especialmente as ilícitas em adolescentes, tem se tornado um problema de saúde coletiva nas últimas décadas. Segundo Soldera apud Galduroz (2004), no Brasil, para a população global (adolescentes, adultos e idosos) a estimativa de prevalência de dependência do álcool varia de 7,6 em São Paulo a 9,2 em Porto Alegre. O álcool é responsável por cerca de 90% das internações hospitalares por dependência e aparece em 70% dos laudos cadavéricos por mortes violentas.

A idade para iniciar a experimentação do álcool tem sido muito cedo. No estudo realizado com menores infratores, Assis & Souza (1999) refere que a faixa etária mais citada como sendo a idade de início do uso de drogas/álcool foi por volta dos treze anos de idade.

No estudo comparativo do comportamento sexual de usuários e não usuários de drogas ilícitas com estudantes de segundo grau, os usuários de drogas apresentaram maior incidência de comportamentos de risco, como práticas de sexo sem proteção, idade mais precoce de iniciação sexual, relação sexual completa e pagamento por sexo, aumentando o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis (SCIVOLETTO, 1999). Estas práticas também levam à gravidez indesejada e abortos.

O álcool e as drogas psicotrópicas também provocam comportamentos de risco importante no que refere a acidentes de trânsito. Segundo Noto (apud Abdetran 1999), em 27,2% dos casos analisados de vítimas de acidentes de trânsito, a dosagem de álcool no sangue excedia o valor de 0,6g/l, limite permitido pelo Código Nacional de Trânsito. Entre os demais psicotrópicos, destacaram-se a maconha (detectada em 7,7% dos casos), os benzodiazepínicos (3,4%) e a cocaína (2,3%).

O uso de álcool/drogas também está relacionado ao rendimento escolar. No estudo de Tavares (2001), foi encontrada a associação entre baixo rendimento escolar e o uso de drogas e Soldera apud CEBRID (2004), identificou que dos estudantes que faziam uso pesado de álcool, 96,1% apresentavam defasagem escolar.

No estudo de Taquette (2003), os adolescentes afirmam que o álcool e as drogas são geradores de violência e agressividade, o alcoolismo foi mencionado como causador de violência e desavenças nos relacionamentos e na família.

Vários estudos buscam conhecer quais as causas que levam os adolescentes a experimentar e abusar do uso destas substâncias. Na pesquisa de Sanchez

& Nappo (2002), foi constatado que a primeira droga, foi oferecida por alguém próximo ao entrevistado e o motivo da aceitação foi uma maneira de não decepcioná-lo, garantindo em troca seu “respeito” e “aceitação”. O comportamento assemelha-se mais a um rito de passagem em que o “aspirante adulto” deve executar alguma tarefa para ser considerado, seja pelo grupo ou pela família. Fazer parte de um grupo é uma característica do adolescente na busca pela “uniformidade”, capaz de fornecer segurança e estima pessoal (KNOBEL, 1981).

Os amigos e colegas de escola formam grupos de intimidade, influenciando, de forma marcante, a transmissão de normas na fase da adolescência. Por disporem de laços fortes e monitorarem, diretamente, atitudes e comportamentos de seus membros têm um papel muito importante nessa etapa da vida (SCHENKER & MINAYO, 2003).

Nesta busca pela “uniformidade”, nem sempre o adolescente encontra um ambiente que favoreça sentir-se incluído e aceito pelo grupo. Araújo (2001) descreve que os jovens moradores da Vila Luz (periferia de Belo Horizonte, conhecida como uma das mais violentas e perigosas), quando vão para a escola se sentem vítimas do estigma do “malandro”. Esta rejeição nem sempre é resolvida de maneira pacífica, ocorre situações de violência entre os alunos (brigas de correntes, espancamentos, etc.) ou em atos de violência contra o patrimônio (bombas no banheiro, fogo nas latas de lixo etc.).

Segundo Araújo:

> “(...) essas brigas acontecem muito mais para mostrar o que eles são capazes de fazer para amedrontar colegas e professores. Não se trata de uma violência escolar no sentido de uma reação à instituição escolar. Os atos de violência servem para demarcar espaços de poder.” (2001, p.156)

A construção da identidade do adolescente que vive em comunidades desfavorecidas é marcada e influenciada pela cultura local, permeada de violência e inseguranças (ARAUJO, 2001).

Vivendo este estigma de ser “malandro”, pobre, em conflito para obter “respeito” e tendo como representação de que o traficante é respeitado na sua comunidade, usufruindo dos bens de consumo que o seduz, este jovem é tentado e acaba se envolvendo com o tráfico e a criminalidade.

Segundo Knobel (1981):

> “O adolescente na busca de identidade, recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis no momento. (...) é preferível ser alguém perverso, indesejável, a não ser nada.” (p. 32)

Após a entrada para o crime, ser tachado de marginal pelos outros chega a ser uma conquista, ele constrói a sua identidade referenciado nos valores do contexto social da criminalidade. O tráfico não deixa nenhuma dúvida quanto à forte atração que exerce sobre uma parte dos jovens da periferia.

Nas entrevistas realizadas com jovens infratores em diferentes bairros de São Paulo, Spagnol (2005), indica que esse “fascínio” pela delinqüência se expressa no desejo de dominar, impor sua vontade ao outro, e é visto por todos os demais membros como uma atitude de grande relevância. Num roubo ou num assalto, por exemplo, levar o fruto do roubo não é tão importante quanto humilhar o outro durante a ação. A satisfação após a ação criminosa pode ser notada quando recontam detalhes, para eles próprios, daquilo que vivenciaram. O relato dos jovens os identifica como pertencentes ao grupo e legitima a ação.

Essa necessidade de ser respeitado, ter a aceitação e a aprovação do outro é retratado ainda por Spagnol (2005):

> “Era praticamente impossível anotar tudo o que falavam: as entradas nas casas, as fugas, as mortes das pessoas como se tivessem cometido atos heróicos e a aceitação por parte dos outros, tudo reafirmava esse heroísmo.” (p.289)

Há um consenso entre os estudos apresentados quanto a participação de fatores ambientais na formação da identidade, valores e comportamentos dos jovens. As referências grupais e as crenças ligadas à busca de aceitação participam de modo decisivo na formação dos hábitos dos adolescentes bem como na construção de seus projetos de vida.

## 2 OBJETIVOS

2.1 Investigar as situações de risco e de proteção à saúde e à vida, vivenciadas por um grupo de adolescentes de baixa renda.

2.2 Identificar quais os suportes sociais que ajudam a lidar com as situações de risco;

2.3 Conhecer as expectativas futuras dos participantes

## 3 MÉTODO

Nesta dissertação de mestrado realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa e foi utilizado o grupo focal como estratégia para a coleta de dados. O grupo focal consiste em um grupo de discussão em que pessoas de contextos ou experiências semelhantes, discutem um tópico específico de interesse do pesquisador. O grupo de participantes é guiado pelo moderador, que introduz tópicos para a discussão e estimula a participação dos membros (WHO, 1992). Uma das vantagens deste método é que os participantes que são selecionados, compartilham de algo em comum (idade, sexo, nível escolar, social, região ou algo relacionado com o tema em estudo), e são encorajados a falar livremente sobre o assunto, sem o medo de serem julgados pelos outros, isso porque não há participantes no grupo que sejam de contextos diferentes, mais experientes ou mais conservadores, que possam inibir ou constranger a fala dos participantes. Este clima confortável, sem censura é fundamental para o sucesso na coleta dos dados pelo método focal.

Segundo Cotrim (1996), o grupo focal pode ser considerado uma espécie de entrevista de grupo, embora não no sentido de ser um processo onde se

alternam perguntas do pesquisador e resposta dos participantes. Morgan (1998), ressalta que a essência do grupo focal consiste justamente em se apoiar na interação entre seus participantes para colher dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador.

A coleta de dados através do grupo focal tem como uma das suas maiores riquezas se basear na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos (Krueger, 1988).

Esta pesquisa busca conhecer quais as situações e percepções de risco e proteção de adolescentes de baixa renda, e considerando que adolescentes têm mais facilidade de se expressar em grupo, este método foi considerado o mais adequado para coletar estes dados.

**3.1 Ambiente da pesquisa**

O estudo foi realizado numa comunidade de baixa renda, localizada na região do Butantã na zona oeste do município de São Paulo, de 10 a 12 mil habitantes.

Pimenta em 1926 descreveu a favela do Rio como:

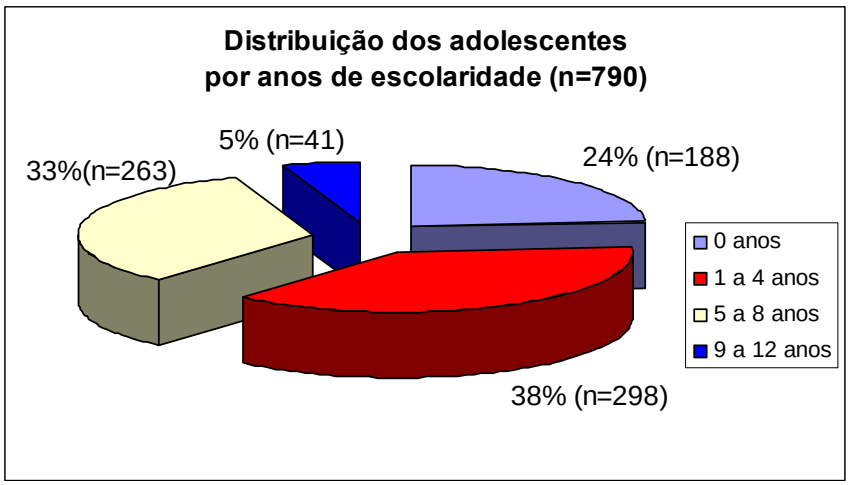
> "(...) contra todos os preceitos da higiene, sem água, sem esgoto, sem a mínima parcela de limpeza, sem remoção de lixo, são como largas sentinas cobertas de dejetos dos demais resíduos da existência humana, amontoados de imundícies e podrões repastando nuvens de moscas, infiltrando nos quarteirões da cidade toda a sorte de moléstia e de impurezas. Desprovidas de qualquer espécie de policiamento, construídas livremente de latas e frangalhos em terrenos do Patrimônio Nacional, libertadas de todos os impostos alheias a toda ação fiscal (...)"

Ao andarmos na Comunidade São Remo, nas ruas principais e nas estreitas passagens, que se formam como labirinto construídos sem planejamento, ocupando os espaços, em construções de um, dois, três cômodos dividindo o mesmo quintal, observamos os "puxadinhos" característicos para cima, lados, frentes, aproveitando ao máximo os espaços. Podemos constatar como na

descrição de Pimenta (1926), a falta de higiene, dejetos de cachorros, sacos de lixos espalhados, o esgoto a céu aberto nas passagens estreitas, o odor característico, muitas ligações elétricas clandestinas, crianças, jovens, adultos e idosos, ociosos nos bares e nas ruas. Algumas casas se destacam pelo seu tamanho pela localização na rua principal da favela ou pelos carros e motos novos estacionados evidenciando o poder informal da comunidade.

Segundo os dados do Centro de Saúde Escola-Butantã, Unidade de Saúde responsável pela área de abrangência da Comunidade São Remo, há 790 adolescentes, de 10 a 19 anos matriculados na unidade.

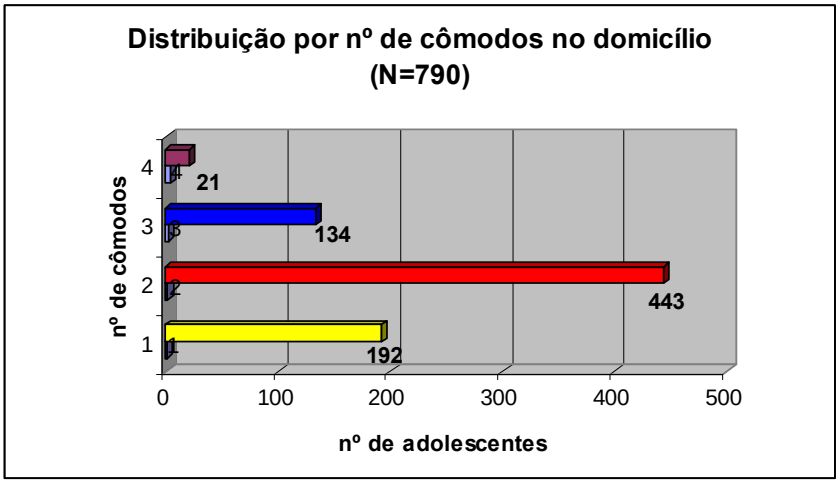
Conforme o gráfico 1, na distribuição dos adolescentes por anos de escolaridade, 24% não freqüentaram nenhum ano a escola e 38% freqüentaram de 1 a 4 anos, caracterizando uma população jovem de baixo nível de estudo formal.




(Gráfico 1)

.

A distribuição dos adolescentes por número de cômodos no domicílio (gráfico 2), 443 adolescentes (56%), residem em domicílio com 2 cômodos e 192 (24%) em 1 cômodo, refletindo a condição social de vida desta população.




(Gráfico 2)

Estes dados nos indicam que a Comunidade de São Remo, se caracteriza por ser uma comunidade de condições sócio econômicas baixas, onde os jovens desta pesquisa, vivenciam o seu período de transição para a vida adulta, permeada pela influência desta realidade.

As atividades de grupo focal para a coleta de dados, foi realizada numa sala de aula da Sede da Associação Agente da Igreja Metodista Livre, que está localizada na comunidade São Remo.

### 3.2 Critérios para a formação de grupos

3.2.1 Idade:

Baseado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), foi definido como sujeito da pesquisa, adolescentes de 12 a 18 anos, no período da pesquisa, nascidos no ano de 1988 a 1994:

3.2.2 Divisão do Grupo

O Grupo de adolescentes de 12 a 18 anos, foi subdividido em dois subgrupos:

- Grupo A: Adolescentes de 12 a 14 anos, nascidos no ano de 1992 a 1994.

- Grupo B: Adolescentes de 15 a 18 anos, nascidos no ano de 1988 a 1991.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados por conveniência, através da indicação da Coordenadora da Associação Agente e da Coordenadora do Projeto Alavanca, Organizações Não Governamentais que atuam na comunidade com os adolescentes, e da indicação de novos adolescentes pelos próprios adolescentes (método de bola de neve), até totalizar 15 pessoas por cada grupo.

### 3.3 Participantes por atividade nos grupos

Segundo o Manual de Grupo Focal da WHO (1992), em um estudo que utilize grupo focal, as discussões são conduzidas várias vezes, com diferentes grupos, visando identificar tendências e padrões na percepção do que se definiu como foco do estudo. Baseado neste conceito, foram realizadas três atividades com o grupo A (12 a 14 anos) e três atividades com o grupo B (15 a 18 anos), tendo as participações dos sujeitos da pesquisa, conforme descrições abaixo:

**GRUPO A – 12 a 14 anos – Nascidos de 1992 a 1994**

| Atividade | Feminino | Masculino | Total |
|---|---|---|---|
| 11/07/06 | 03 | 07 | 10 |
| 13/07/06 | 02 | 06 | 08 |
| 24/07/06 | 02 | 05 | 07 |

**GRUPO B – 15 a 18 anos – Nascidos de 1988 a 1991**

| Atividade | Feminino | Masculino | Total |
|---|---|---|---|
| 18/07/06 | 04 | 06 | 10 |
| 20/07/06 | 03 | 04 | 07 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 25/07/06 | 03 | 05 | 08 |

### 3.4 Procedimento

Foram realizadas três reuniões com o Grupo A, e três com o Grupo B, na sala de aula da Associação Agente. As datas da segunda e terceira reunião foram combinadas com os sujeitos conforme a preferência de cada grupo.

A sala foi organizada com as cadeiras colocadas em círculo, as sessões foram gravadas e conduzidas pela pesquisadora.
Foi oferecido refrigerante e salgados durante as sessões, para estimular a participação dos sujeitos, ficando presente um assistente para manipular o gravador, auxiliar na organização da sala, no oferecimento dos aperitivos e para observar a participação dos sujeitos da pesquisa da atividade.

As atividades tiveram uma duração de aproximadamente uma hora e transcorreram de forma prazeirosa, com a participação dos sujeitos, num clima descontraído o que favoreceu a coleta dos dados da pesquisa.

Conforme Cotrim (1996), a condução do grupo focal se dá a partir de um roteiro de tópicos, relacionado ao foco da pesquisa, mas como a proposta do método é desenvolver uma discussão focada em um tema específico, estes tópicos não devem ser expressos aos participantes na forma de perguntas, mas na forma de “dicas”, de pequenos estímulos para introduzir o assunto. O roteiro descrito abaixo, foi utilizado somente para introduzir os assuntos e reorientar a discussão, quando o grupo se desviava do foco da pesquisa.

ROTEIRO:

- Comentem o que significa risco para vocês.
- Descrevam as preocupações, perigos, ameaças que vocês sentem.

- Descrevam experiências que vocês passaram de perigos, ameaças, ou experiências de colegas que passaram por estas situações.
- Comentem como vocês fazem para se proteger ou evitar estes perigos no dia a dia
- Citem as pessoas que ajudam a lidar e enfrentar estes medos, perigos ou ameaças
- Descrevam o que vocês pensam ou esperam do futuro.

## 3.5 Tratamento dos dados

### 3.5.1 Transcrição 1

Os dados gravados em fitas cassetes, foram transcritos na sua íntegra pela pesquisadora.

### 3.5.2 Transcrição 2

A transcrição 1 foi lida criteriosamente e com caneta marcador de texto, foram identificados os trechos das discussões que estivessem relacionados com o tema da pesquisa, situações de risco e proteção à saúde, relatados pelos sujeitos da pesquisa por cada atividade realizada. Estes trechos identificados como fatores de risco e proteção foram transcritos por reunião.

### 3.5.3 Transcrição 3

A transcrição 2 foi lida criteriosamente e com caneta marcador de texto, foram identificados os trechos das discussões relacionados com situações de risco e proteção à saúde, comuns nas três atividades por grupo.

Estes trechos das discussões comuns nas três reuniões por grupo foram identificados e transcritos.

### 3.5.4 Transcrição 4

A transcrição 3 foi lida criteriosamente e com caneta marcador de texto, foram identificados os trechos das discussões relacionados com situações de risco e proteção à saúde, comuns nas atividades do Grupo A e B.

Estes trechos das discussões comuns do grupo A e B foram identificados e transcritos.

3.5.5 Identificação das categorias e subcategorias

Foram estabelecidas duas categorias: fatores de risco e proteção à saúde.

A transcrição 4 foi lida criteriosamente e os trechos das discussões foram agrupadas por unidades temáticas que deram origem as subcategorias, que reuniam características comuns dos discursos dos sujeitos da pesquisa.

Estas subcategorias foram confrontadas, analisadas e discutidas à luz da literatura relacionada ao tema.

## 3.6 Aspectos éticos

Antes da realização da pesquisa, foi elaborado o projeto, que foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Metodista de São Paulo (CEP-UMESP), considerando que a pesquisa envolve a participação dos sujeitos da pesquisa no grupo focal.

O projeto foi aprovado pela CEP-UMESP conforme anexo1.

Após a aprovação da CEP-UMESP, foi realizada uma visita no domicílio dos sujeitos da pesquisa, pela pesquisadora acompanhada pela Coordenadora da Associação Agente ou Projeto Alavanca e foi esclarecido ao sujeito da pesquisa e ao responsável, o objetivo, a participação voluntária, a garantia do sigilo acerca da identidade do informante e a liberdade de recusar a participar da atividade em qualquer momento da pesquisa. Após o esclarecimento, foi realizado o convite para o sujeito da pesquisa e na aceitação, foi solicitado a

assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2) pelo responsável do menor.

Nesta mesma ocasião, foi informado e entregue por escrito a data, horário e o local da primeira reunião, conforme a idade, para a realização da atividade do grupo focal.

Através dos sujeitos apresentados pela Coordenadora da Associação Agente e do Projeto Alavanca, os mesmos indicaram novos sujeitos, tendo sido realizado o mesmo procedimento descrito acima, para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram analisados e organizados em duas categorias, nas quais estão focadas o presente estudo:

- Fatores de risco à saúde
- Fatores de proteção à saúde.

Nas atividades realizadas com os adolescentes, dentro destas categorias foram detectadas várias subcategorias, que serão apresentadas e discutidas a seguir.

O discurso do sujeito da pesquisa está identificado no final com a letra A (Grupo de 12 a 14 anos), B (grupo de 15 a 18 anos) e o número a sua direita está relacionado a seqüência da reunião (1=primeira reunião, 2=segunda reunião e 3=terceira reunião).

### 4.1 Fatores de risco à saúde

As situações vivenciadas como fragilidade do suporte familiar, a violência policial, a violência psicológica (tristeza por ser pobre, solidão, preconceito sofrido por ser negro, entre outros), o uso de drogas e condutas transgressoras foram identificadas como de risco à saúde deste grupo de adolescentes. Estas serão descritas por subcategorias a seguir.

### 4. 1. 1 Fragilidade do suporte familiar

No relacionamento com a mãe e o pai, os adolescentes desta pesquisa demonstraram que não existe muito diálogo e apoio, conforme discursos a seguir:

> "(...) o meu sonho é quando eu fizer 18 anos, é sair da minha casa, ter minha casa, nem que seja um quartinho, porque eu não me dou bem com o meu pai." **B2**

> "(...) A minha mãe nem tanto, mas o meu pai, quando eu falo que quero alguma coisa, ele já fala, vai trabalhar arruma dinheiro e compra. E quando você arruma emprego ele não quer deixar trabalhar, porque é de noite." **B2**

> "(...) com a minha mãe eu não converso não, ela não chega pra conversar também." **B2**

> "(...) eu também não converso com os meus pais (sobre sexo e namoro), eu não converso com ninguém, com alguns amigos mais velhos, a gente fala uma coisa, outra..." **B2**

Estes resultados caracterizam a falta de comunicação que gera a falta de confiança e a fragilidade do suporte familiar para os adolescentes desta pesquisa. Os estudos de Assis & Souza (1999), Sanchez et al (2004), Schenker & Minayo (2003) demonstram que esta falta de suporte da família, leva os adolescentes a buscar outros suportes como referência, que podem conduzi-los ao envolvimento com amizades perigosas, drogas, delinqüência, tornando-se um risco para a vida dos mesmos.

### 4.1.2 Violência com risco de vida causado por terceiros

A representação que a comunidade onde estes adolescentes vivem é de uma comunidade permeada de situações de violências causada por terceiros, que traz medos e as inseguranças são retratadas pelos adolescentes em várias falas como:

> "(...) é uma história de um palhaço que pegava as crianças, todo mundo ouviu esta história" **B1**

> "(...) uma amiga da minha cunhada, foi pega por esse cara (palhaço)" **A1**

> "(...) outro dia ouvi uma história que mataram uma pessoa atrás do Extra. Eu tinha que pagar a conta e eu não fui de medo. Tive que pagar até com multa. **B1**

> "(...) você sair de casa logo às 5 ~ 6 horas da manhã, tem perigo de ser assaltado, levar um tiro por causa de alguma coisa" **B1**

> "Chegar em casa tarde, o risco é você chegar em casa, tipo você presenciou uma briga, pode levar uma bala perdida (...)" **B1**

Esta insegurança de andar nas ruas na comunidade e ser atingido por uma bala perdida, ser assaltado, ser pego por um desconhecido ou ser violentado está presente no discurso dos adolescentes. Este sentimento de insegurança gera medo, que pode afetar a saúde destes adolescentes, além de colocar em risco a vida destes.

Os medos e as inseguranças vivenciados pelos adolescentes não são apenas imaginários, pois os dados estatísticos convergem para esta realidade. No Brasil, as causas externas de morte, que englobam acidentes e eventos violentos, ocupam o primeiro lugar na faixa etária de 10 a 19 anos. No ano de 2003, na região metropolitana de São Paulo, as taxas de mortalidade da população de 10 a 19 anos, por causas externas foram de 78,17% (Datasus, 2006).

Os resultados dos relatos, encontram fundamentos quando comparamos com os resultados do estudo apresentado por Mesquita (1995), onde ele demonstra que 70,7% dos adolescentes e jovens vítimas de execuções em São Paulo não estavam implicados em crime anterior e 67,1% possuíam profissão/ocupação ou eram estudantes.

**a)Violência causada por policiais:**

Nos encontros realizados com os dois grupos de adolescentes, são recorrentes as citações do risco à vida causado pela violência policial (na rua, dentro dos seus lares, nas quermesses, na escola etc.). Estes conteúdos surgiram espontaneamente, diversas vezes nos encontros, conforme alguns exemplos abaixo:

> "(...) tiraram (a polícia) tudo do guarda-roupa, apontaram a arma pra nóis e mandá ficar parado, aí nóis tem que respeitá eles, quando eles querem, eles tiram tudo, depois que eles vão embora fica tudo bagunçado. **A1**

> "(...) na minha casa não aconteceu, mas na casa do meu tio, reviraram tudo". **A1**

> " (...) nóis tava vindo da escola, aí tinha um moleque que chamou o policial de coxinha, aí o coxinha pegou ele e deu um "tabrefe" e mandou *nóis* ir para o paredão e aí começou a bater em *nóis*." **A3**

> "(...) mas qualquer hora é hora, mas mais perigoso é à noite, porque não tem ninguém vendo e ainda mais se você está sozinho, quando não tem ninguém eles (a polícia) arrepiam mesmo". **B1**

> “(...) já entraram uma vez na minha casa, estava eu e meus três irmãos, aí eles fecharam dentro da casa e mexeram tudo, eles mostraram a arma e perguntaram se o meu pai tinha uma dessa. Eu falei que não, e aí derrubaram a arma. Só estávamos as três crianças, eu falei para eles arrumarem tudo, eles arrumaram e ainda usaram o meu banheiro. Eu tinha 5 anos.” **B1**

> “(...) isso acontece nessa época de quermesse, você vai pra onde e quando volta de madrugada e aí você pode encontrar uma polícia às vezes, a maioria é folgado, e pode apanhar, e se não tiver ninguém, você morre ali mesmo. **B1**

> “(...) outro dia eles pegaram um menino lá, quando ele estava lá, mandou andar com a mão para trás, e o menino continuou, e daí ele ta: “Eu já falei que é para andar com a mão para trás, (...), assim colocaram a mão dele para trás, deram um murro no menino, aí eu anotei a placa e dei para o menino, se ele abrisse uma BO contra ele ia ser punido.” **B2**

Essa violência praticada por policiais, vivenciada pelos adolescentes desta pesquisa, é relatada também nas pesquisas de Pinheiro (1997), Machado & Noronha (2002) e Anchieta & Galinkin (2005).

Estas experiências de violências praticadas por policiais, que deveriam ser encarregados de combater a violência e de promover a justiça, geram revoltas, agressividades e desrespeito às autoridades, interferindo na formação dos valores. Os conceitos de cidadania, de direitos e deveres, o respeito à hierarquia e autoridade vão sendo deturpados, devido a essas imagens negativas que vão sendo adquiridas nas experiências de sua vida diária.

Para Machado & Noronha (2002), igualando moradores e “marginais”, a polícia acaba sendo identificada com os bandidos que, como ela, também não respeitam o direito do outro e usam a força para impor a sua vontade.

A polícia é o símbolo da violência o que gera uma impotência diante dos perigos. Segundo Cárdia (1997) os casos de violência policial levaram a população a construir uma imagem negativa dos policiais, além de sentimentos de descrença e medo com respeito à suas ações.

A convicção de que o policial não é um cidadão, um indivíduo como os demais, funciona no sentido de colocá-lo fora dos parâmetros legais (Porto, 2004), levando-os a agir no exercício ilegal do seu poder, infringindo os direitos dos adolescentes de baixa renda, expondo-os a riscos de vida.

### 4.1.3 Violência psicológica

Além da violência física, a violência psicológica, ou seja, humilhações, constrangimentos, ameaças, intimidações, discriminações etc, também estão presentes nos relatos das experiências.

**a) Sofrimento por ser pobre**

Os adolescentes desta pesquisa passam por sofrimento mental, por perceberem que são pobres e não poderem adquirir objetos materiais para consumir, por exemplo, o lanche na cantina da escola.

> "(...) ser pobre dá tristeza, sei lá, não tem dinheiro (...), por exemplo, tem até pé rapado que compra lanche pra caramba na escola"
> " Ele leva vinte conto por dia,
> " (...) a merenda é comida enlatada" **A2**

A impotência de não poder ter acesso a comprar um lanche na cantina e ter que comer a merenda oferecida pela escola, gera inveja e tristeza, o que reforça que ele não pertence à mesma classe daqueles que moram fora da favela.O estudo de Guareschi (2003) também relata esta produção de sentimentos de morar na favela e ser pobre.

**b) Sofrimento por solidão**

Na representação dos adolescentes deste grupo, aqueles que não têm amigos, que ficam sozinhos, são aqueles que se envolvem com drogas e ficam com depressão.

> "(...) a pessoa só se afunda quando ela não tem o apoio do outro, quando vê que não dá mais pra ela, que ninguém liga mais, que ninguém dá mais atenção, aí você pula nas drogas." **B3**

> "(...) tipo todo mundo está brincando e fica sozinho." (falando sobre depressão) **B2**

> "(...) não ter amigo" **B2**

Os estudos de Bahls (2002), Filho (2002) também confirmam que o adolescente necessita estar em grupo para formar a sua identidade, aqueles que não conseguem se socializar, que se isolam em si mesmos, poderão desenvolver psicopatologias e estarão mais vulneráveis para se envolverem com drogas, o crime e suicídios.

**c) Preconceitos sofridos por ser pobre, favelado e negro**

Em várias situações relatadas pelos adolescentes, as formas preconceituosas que são abordadas por ser negro, favelado ou pobre, gera revolta e sofrimento psicológico.

> "(...) os sorvetões (jovens que não moram na mesma comunidade) ficam chamando a gente de pobre" **A2**
> "(...) de favelado, com vontade de dar um murro nela" **A2**

> "(...) quando está voltando de uma quermesse o policial, fala de onde está vindo, de onde você é? Eu sou dali (da favela). E aí eles te encostam num canto, porque eles acham que tem passagem na polícia. **B1**

> “(...) pelo menos, eu acho que é porque é pessoa de favela e eles acham que já é alguma coisa (...)” **B1**

> “(...) eles (os policiais) são negros mas tem preconceito contra a pessoa negra, mesmo quando você está andando sozinho, ele faz questão de parar e começar a bater, nem faz questão de perguntar.” **B1**

> “(...) eles (polícia) têm bastante preconceito com pessoa que é negra” **B1**

> “(...) comigo é com negro e favelado, eles pensam que todo mundo que mora na favela está envolvido com alguma coisa, aí já nem precisa perguntar nem nada.” **B1**

Este resultado evidencia o preconceito contra os pobres e favelados relatados pelos adolescentes. Teixeira (1994), afirma que a representação social que associa os pobres às classes perigosas tem como conseqüência que as crianças e adolescentes pobres são vistos como perigosos ou potencialmente perigosos.

Os estudos de Leite (2000), Guarechi (2003), Araújo (2001), Minayo (1994), confirmam a discriminação sofrida por adolescentes por serem negros, pobres e moradores de favela. Neste grupo de adolescentes, ao falar das discriminações sofridas por ser negro, pobre e favelado, observa-se revolta, impotência e agressividade. Esta discriminação também é sentida no espaço escolar, conforme descrito abaixo.

**d) Revolta por sofrer tratamento diferenciado na escola**

Neste estudo ficou evidente o sentimento de revolta, devido ao tratamento diferenciado dado pelas autoridades da escola (inspetor, professor, diretor) aos adolescentes, conforme os discursos abaixo:

> “(...) eu já xinguei ela porque um dia a menina estava de calça jeans e ela disse: “eu posso” (entrar na escola sem uniforme) se exibindo, me

deu vontade de puxar os cabelos dela. “(...) ela (a diretora) escolhe quem ela quer tratar bem.” **B1**

“(...) a dona X (diretora) só conhece as pessoas pela roupa. (...) se você por uma roupa da hora e for pra escola, ela pensa que você é rica (...)” **A2**

“(...) às vezes, a professora me dá o crachá para ir ao banheiro e aí ela (a diretora) fala pra professora: “de novo esse menino tá aqui embaixo, de novo, toda a vez (adolescente negro).” **B1**

“(...) e aí eu desço; sem crachá e ela não fala nada. É que eu converso com ela” (adolescente branco).” **B1**

“(...) se eu estiver de suspensão eu não entro. O moleque (branco), se estiver, ele entra, mas ele (inspetor) não deixa eu entrar. (...) o moleque entra e eu não posso” (revolta) **A3**

Os adolescentes sentem-se discriminados porque as normas não são aplicados igualmente para todos os alunos pelas autoridades da escola, este tratamento gera sentimento de revolta e agressividade.

Considerando que os adolescentes de baixa renda, no seu contexto de pobreza, por morar em favela ou por ser negro, já vêm construindo através da sua vivência, representações de discriminação em outros contextos sociais, qualquer tratamento que reforce esta representação, gera uma violência psicológica no sentido de reforçar a exclusão.

Estas humilhações, injustiças e discriminações sofridas por esses adolescentes, pelos colegas ou pelos representantes de autoridade na escola (inspetores, professores, diretoras), tornam a escola um local que representa para este adolescente a sociedade ampliada que o exclui, que o discrimina pela forma de se vestir, por morar na favela ou por ser negro. Esta exclusão social construída no decorrer da vida escolar, gera sentimentos de revolta e agressividade e culmina em condutas antissociais, conforme o próximo item.

### 4.1.4 Desafio de inclusão social na escola

#### a) Desafio à autoridade escolar e início da conduta antissocial

A revolta sentida devido as discriminações levam a atitudes agressivas, desafiando a autoridade escolar e levando a condutas anti-sociais, como descritas abaixo:

> "(...) tem gente que ela (diretora) manda embora, mas eles pulam o muro e voltam para a escola, e fica tendo aula, e coitado se ela entrar e ver ele assistindo aula, ela põe para fora, faz sentir vergonha. **B1**

> "(...) quando eu desço na diretoria, tem que ter jogo de cintura, ela fala: Quer dizer que você está aprontando na sala de aula? Mostra o livro preto, e fala que vai ter que assinar e chamar os pais. Se os pais não comparecerem você não entra na sala amanhã. Se a gente entrar e ela pegar a gente (...)." **B1**

> "(...) é assim se você não entra dentro da sala, e a diretora vem atrás de você pra dar a suspensão, e aí você corre e você pula o muro, sai da escola e você volta, ela chama a polícia, a ronda escolar." **A1**

> "(...) os meninos soltam bomba na escola." **B1**

Existe o medo de ser pego ao cometer infrações escolares e ser punido pelos pais ou autoridades, porém os adolescentes tomam atitudes como pular o muro e voltar para aula mesmo quando suspenso da aula, ou pular o muro para não levar a suspensão, demonstrando o desprezo, a falta de respeito à autoridade escolar e o desejo de testar os próprios limites.

.A escola que representa a sociedade ampliada à favela, faz os adolescentes sentirem-se discriminados. É por meio dessa sociedade, onde eles deveriam aprender a respeitar a hierarquia e a autoridade, representada pela figura da

diretora, dos professores e inspetores, que eles expressam hostilidade, com comportamentos de enganar, testar e desrespeitar as autoridades da escola.

Este comportamento é um reflexo de uma construção complexa de identidade com a influência individual, familiar, sócio estruturais, e o ambiente escolar que, nessa fase da vida, quando poderia acolher e ajudá-los nesta construção, torna-se um ambiente hostil, o que reforça o sentimento de exclusão que vem sendo construído nas experiências de vida na comunidade desfavorecida.

Estes resultados também foram encontrados nas pesquisas de Gomes (2006), Milani (1999), Assis (1999), Cruz (1996).

### 4.1.5 Uso de drogas e condutas transgressoras

**a)Prestígio social do grupo de referência**

Na construção de sua identidade, o adolescente deste estudo tem uma representação de que usar drogas ou ser criminoso é um referencial de respeito e prestígio na comunidade, conforme os discursos citados abaixo:

> "(...) principalmente dentro da favela, tem gente que acha que é alguma coisa, aí o adolescente vai no embalo das pessoas e usa a droga junto, só pra dizer que está junto com um cara que tem respeito." **B3**

> "(...) é, a pessoa só porque já fumou a droga, fez isso e aquilo, pensa que já é um ladrão, e começa a roubar e começa a ir atrás das pessoas." **B3**

> "(...) se acha que mais um pouco de respeito, quando está usando drogas, e tá partindo pra outro lado da vida, ele se acha, que tem mais respeito." **B3**

Nesse grupo de adolescentes de 15 a 18 anos, eles referem que o OUTRO acha que usar drogas e se envolver com crime traz respeito. Essa fala pode

indicar que esses adolescentes, na construção da sua identidade, têm buscado se identificar com os valores que trazem prestígio, respeito dentro da comunidade. Ainda dá indícios de que não se identificaram com esses valores, mas esse ambiente pode influenciar nas suas opções, caso o ambiente familiar e escolar não sejam favoráveis e reforce a exclusão social desses jovens.

Nesta fase de transição, a aprovação do grupo é importante (KNOBEL e ABERASTURY, 1981). O adolescente necessita de referências, mas sentindo-se excluído na sociedade ampliada, ele pode buscar o respeito e o prestígio nas referências dentro de sua comunidade (SANCHEZ, 2002; SHENKER, 2003).

Consolidar essa representação social de que o usuário de drogas e a criminalidade traz respeito e prestígio, traz riscos para a saúde, considerando que a significação desses valores, torna o jovem vulnerável ao envolvimento com traficantes e a criminalidade, conforme os estudos de (ZALUAR, 1994; LEITE,2000; ARAÚJO, 2001; SPAGNOL, 2005).

**b) Condutas transgressores**

No grupo B (de 15 a 18 anos), os adolescentes contam experiências de condutas transgressoras como de furtos, e acham tudo uma diversão, tem o apoio e a "lei" do silêncio do grupo, para não denunciar. Seguem alguns fatos relatados pelo grupo.

> "(...) ele estava com o moleque, e ele foi roubar num mercado que tem lá em cima, aí quando tava passando assim e aí os caras: Ei você para aí, levanta a camisa, o que tem aí embaixo? Tava cheio de bolacha (...)"
> "(...) então você vai para Febem... Os bichos ficaram assim ó (ficaram com medo)."
> "(...) aí os caras levaram a gente num quartinho, e aí foi fazer uma pá de perguntas. Mostraram as câmaras, filmando, pegando as bolachas e tudo, e falaram: Seus ratos!... falaram um monte e liberaram, falaram que da próxima vez vão levar para a Febem, e a mãe ia ter que ir lá buscar (...)". **B1**

"(...) a maioria tá lá (na Febem) porque roubou."
"(...) a mãe dele falou que se você voltar a roubar de novo e for parar de novo na Febem, vai ficar lá mesmo, ele roubou e ta lá preso até agora." **B1**

"(...) tem um cara da minha classe que também roubou do projeto. Os caras do Projeto, dava tênis, roupa, cesta básica, e um monte de coisa, além dele dar um monte de coisa, tinha um colega da minha classe que roubava. Teve uma vez que iam dar um curso, aí dava um passe para nóis ir e voltar, aí ele seqüestrou os passes. Ele roubou a chave do carro e pediu o dinheiro para devolver." **B1** (risadas e gozações, porque havia sido um dos colegas presentes no grupo).

"(...) eu peguei, mas chegou num ponto com os outros caras, o neguinho me falou: "a foi você que roubou, então vamos dividi. Eu tenho o maior trabalho pra pegar, mas tá bom (...)"
"(...) e aí foram comer pastel na barraquinha."
"(...) vamos lá na barraca do pastel, chegou na barraca e então: vamos dividir esse dinheiro que você pegou, se você não dividir eu vou contar. Tá bom, só o bolinho de passe, começamos a dividir, e aí eu fiquei pensando comigo que esse povo é o maior safado, eu pego e tenho que dividir. **" B1**

Estes fatos demonstram que pequenos furtos e condutas transgressoras, começam a fazer parte da vida destes adolescentes. Diante das dificuldades de se obter os objetos desejados, se apossar de forma ilegal não se sentem culpados. Alguns, mesmo não participando do ato ilegal, tornam-se cúmplices acobertando e usufruindo dos benefícios.

Estas condutas transgressoras são um risco à saúde deses adolescentes, pois são os primeiros passos para o caminho da delinqüência e criminalidade. Os dados estatísticos da Febem, destacam que os internos da Febem de São Paulo que praticaram roubo ou furto representam 67% do total dos internos e a

grande maioria dos adolescentes é oriunda da periferia da cidade e pertencente às classes trabalhadoras pauperizadas. (FEBEM,2000).

Machado (2002) relata que a iniciação na delinqüência acontece através de extorsões, furtos e roubos no bairro ou fora deste. Estas ações servem para provar a coragem individual, fortalecer a identidade do grupo e obter algum dinheiro para necessidades imediatas, aumentando o prestígio dos indivíduos junto ao grupo de pares e meninas do lugar.

### 4.2 Fatores de proteção à saúde

As situações vivenciadas no relacionamento com a família, com ênfase na mãe, a religiosidade, alguns professores como referência e projetos futuros foram identificadas como fatores de proteção à saúde dos adolescentes que vivem nesta comunidade.

#### 4.2.1 Família e vizinhos como fatores de proteção com ênfase na mãe

Em várias situações de dificuldade e medos, a casa é o primeiro local onde os adolescentes deste estudo se sentem seguros. Dentro da comunidade, a casa dos vizinhos e parentes também representam um local seguro, conforme relatos a seguir:

> “(...) .todo mundo se esconde dentro de casa”
> “(...) fico dentro da casa e não saio mais” **B1**
>
> “(...) eu me sinto seguro dentro de casa” **B2**
>
> “(...) é só ficar em casa (para não ser confundido pela polícia) **B3**
>
> “(...) na casa da minha vizinha” **A3**

Além da casa, a mãe é a pessoa mais citada como pessoa de proteção nas diversas situações de dificuldades dos adolescentes.

> “(...) quero a minha mãe” (na situação relatada da experiência com a polícia) **B1**

> “(...) nestas horas, todo mundo lembra da mãe” **B1**

> “(...) quando está numa fria, todo mundo pensa na mãe” **B1**

Este resultado indica que o jovem que vive nessa comunidade de baixa renda, tem como uma referência, como um fator de proteção e segurança das suas vidas, a casa e a mãe.

Conforme já descrito, os estudos de Sanchez (2005) e Milani (1999) confirmam estes dados, ressaltando a influência da família, especialmente a figura materna, como o fator de proteção mais citado pelos adolescentes.

.

### 4.2.2 Religiosidade

Nas discussões dos adolescentes desta comunidade tanto no grupo A como B, ao relatarem situações de medo, os jovens têm a religiosidade como proteção, apegam-se a um ser Superior para se apoiar e se sentirem seguros, conforme discursos a seguir:

> “(...) penso em Deus
> “(...) fico rezando”
> “(...) ando com terço” **A**

> “(...) eu penso em Deus, na hora, eu penso: e agora, meu Deus? Quando você tem algum problema para resolver, você tem que resolver sozinho, e aí você tem que pedir ajuda para Deus senão você não resolve nada. **B**

Os estudos de Sanches (2004), também indicaram a espiritualidade e a religiosidade como o segundo fator mais citado de proteção de jovens de baixa renda para o início do uso e consumo de drogas.

Diante das diversas situações de violência e injustiça, quando eles se sentem desprotegidos e impotentes, a fé em algo superior é o último fator de proteção onde eles podem se apoiar. Nesta pesquisa, ficou caracterizado que os sujeitos da pesquisa não são religiosos praticantes, porém estes se apóiam num ser Superior apenas quando vivenciam situações de perigo.

### 4.2.3 Professor como referência

Apesar de a escola ser um ambiente que o discrimina, conforme relatado anteriormente, nos dois grupos foi citada uma professora que os adolescentes têm como referência, porque ela não é igual às outras.

> "(...) só a professora X, ela não é como as outras."
> "(...) Ela é muito diferente, tem paciência pra explicar."
> "(...) tem humildade, respeito*"* **A3**

> "(...) tem a professora X, porque ela conversa bastante com a gente."
> "(...) o diálogo (...) ela é sincera, ela não é falsa não. Ela fala uma coisa e quando sai da sala não fica falando outra." **B1**

Os resultados demonstram que os adolescentes respeitam e têm uma profunda consideração pela professora que os acolhe, que tem humildade e respeito por eles. Reflete a necessidade do jovem de ser ouvido e respeitado, conforme os estudos de Soares (2005). A professora que não os discrimina, que tem um canal de diálogo com eles é tida como a pessoa que não representa a autoridade punitiva, mas é a pessoa que procurariam para se abrir e contar os seus conflitos. Silva (2006) também ressalta a importância do professor, construir vínculos afetivos que possam resultar em aprendizagens, que não se limitam ao conhecimento intelectual.

Esse observação demonstra que o adolescente busca e tem a necessidade de ser acolhido, ouvido e compreendido e o professor que consegue criar esta relação pode ser um fator de proteção, influenciando positivamente na formação de sua identidade.

### 4.2.4 Projetos futuros

Os adolescentes dessa pesquisa, tem desejos e sonhos que os impulsionam e o movem para a vida, alguns são reais e outros são fantasias:

> "Eu quero tirar a minha mãe e meu pai daqui" **A1**
>
> "Morar nos EUA, lá tudo é melhor, a comida, as mulheres" **A1**
>
> "Eu penso em fazer uma faculdade de medicina e depois, trabalhar muito e ter a minha casa" **B2**
>
> "Arrumar um trabalho digno e ganhar mais" **B2**
>
> "Eu quero ser administrador de empresa ou hospital, porque ganha mais e é valorizado no mercado de trabalho" **A1**
>
> "Eu quero ser professora"**A1**

É identificado nessa pesquisa que para os adolescentes o estudo e o trabalho tem a representação de possibilidade de uma mobilidade social. Eles têm o desejo de sair da comunidade que vive, tirar os seus pais deste local, e vêem no estudo e trabalho esta possibilidade. Este resultado também é encontrado nos estudos de Paredes e Pecora (2004).

Neste grupo de adolescentes foi identificado que os sonhos e projetos futuros, ainda estão presentes e os motivam a persistir nos estudos, mesmo sofrendo as discriminações e criticando o que é ensinado na escola.

Estes projetos futuros são fatores de proteção para mantê-los afastados do envolvimento com as situações de risco oferecidas pela criminalidade e o tráfico. Porém, se na sua vivência ele constatar a impossibilidade de realização, nem que seja parcial de seus sonhos, esta frustração pode gerar agressividade. Conforme a pesquisa de Matheus (2003), a agressividade e a violência é como protesto às injustiças sociais e a impossibilidade de concretizar os seus sonhos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este estudo buscou conhecer as situações de risco e de proteção à saúde do adolescente da Comunidade São Remo, que se caracteriza por ser uma comunidade permeada pela pobreza e de violência. Nos discursos do sujeitos

da pesquisa, foi possível observar que a representação de riscos estão presentes na forma de fragilidade do suporte familiar, violência física causada por terceiros, violência psicológica e busca de prestígio e respeito através de condutas transgressoras, criminalidade e tráfico.

A violência causada por terceiros, principalmente por policiais, é um fator de risco à vida do adolescente. No grupo de 12 a 14 anos, há relatos de invasão policial nos seus lares, e de familiares e conhecidos que sofreram violência. Estas situações são narradas com mais ênfase como sendo de terceiros que sofreram a situação de violência. No grupo de 15 a 18 anos as experiências relatadas são mais pessoais, são os próprios adolescentes que vivenciaram estas experiências, portanto, os discursos são ilustrados com as emoções das lembranças, de medos e revoltas que sentiram quando foram vítimas destas violências. Estas experiências, que se repetem nas suas vidas, vão construindo e reforçando as representações da violência policial. Esta violência é um fator de risco de vida para o adolescente.

Podemos constatar, neste estudo, evidências de preconceitos devidos a raça (negro), classe social (pobre) e local de moradia (favela). A incidência deste preconceito é retratado com mais freqüência no grupo de 15 a 18 anos, gerando sentimento de revolta, por já terem sofrido com maior intensidade a experiência de ser humilhado, tratado com menosprezo e discriminação pelos policiais, colegas e representantes da escola.

A família é o primeiro grupo social onde a criança, cresce formando imagens e referências para sua vida. Este relacionamento vai se ampliando para os parentes, vizinhos e a comunidade onde ela vive. Os adolescentes entrevistados se sentem pertencendo a Comunidade São Remo. Embora ela seja permeada de violência, eles têm um espaço, uma identificação, eles são aceitos dentro desta comunidade. Quando o adolescente sai desta “ilha” e vai estudar na escola localizada “fora” da comunidade, é o momento quando ele vai deparar com a sociedade mais ampliada, onde conviverá com colegas, que moram em bairros pobres e médios; mas não mais na favela. É nesta sociedade ampliada, que o adolescente começa a sentir os confrontos.

Esta pesquisa demonstra que os adolescentes nesse confronto, nessa vivência na Escola, sofrem várias representações de violência psicológica, que podem afetar a saúde e o seu desenvolvimento.

É na escola que ele sente que o fato do colega ter dinheiro e comprar lanche na cantina e ele não ter condições de fazer o mesmo. Isso o conduz a uma "tristeza", a merenda escolar que é oferecida na escola passa a representar esta impotência. Ter que aceitar o que lhe é imposto reforça, diariamente, para esse adolescente que este não pertence à mesma classe do outro. Esta constatação gera sofrimento.

O tratamento diferenciado dado pelas autoridades da escola (inspetor, professor, diretor) aos adolescentes, conforme descrito nos resultados, pode gerar o sentimento de exclusão, de revolta e de hostilidade. Estes sentimentos os levam a testar estas autoridades, com condutas como cabular aulas, pular o muro, ser expulso mas entrar e assistir a aula, soltar bombas na escola, etc. Por outro lado, as autoridades da escola, têm dificuldade em acolher estes alunos, reforçando as condutas repressivas, que aumentam a hostilidade destes adolescentes, levando-os a atitudes de confronto cada vez mais desrespeitosas. Parece ser um ciclo vicioso, que a cada experiência, a cada repressão, aumenta a tensão, resultando em ambientes hostis, violentos, que não contribuem para o desenvolvimento acadêmico, nem pessoal destes adolescentes.

A falta de condições para obter as necessidades imediatas e os bens de consumo desejados, leva-os a praticar pequenos furtos, e mesmo aquele que não os praticam compartilham do que foi furtado, não considerando que sejam ações ilegais. Relatam estes episódios com certo "orgulho", como uma forma de reforçar o seu prestígios junto ao grupo.

Nessa comunidade há uma representação de que o traficante e o criminoso têm respeito e prestigio. Observamos neste estudo que este discurso não aparece no grupo de 12 a 14 anos, mas está presente no grupo de 15 a 18

anos, com experiências relatadas de pessoas que eles conhecem e que vivem envolvidas com drogas e crimes, para desfrutar deste prestígio (imaginário). Não foi detectado que os adolescentes desta pesquisa tivessem envolvimento direto com o narcotráfico ou a criminalidade. Podemos observar que ainda há uma ambigüidade, uma indefinição, pois eles relatam que o OUTRO acha que a droga e o crime trazem respeito e prestígio.

A experiência escolar de exclusão, levando-os a comportamentos transgressores, os furtos realizados para a obtenção dos bens desejados, associados à convivência com aqueles que privilegiam os traficantes e criminosos, podem tornarem-se valores de referência na construção da auto-estima e da identidade do adolescente, e sutilmente conduzi-los para a delinqüência, tornando-os vulneráveis ao envolvimento com drogas, narcotráfico e criminalidade.

Considerando que estes adolescentes ainda não estão envolvidos diretamente com a criminalidade e o narcotráfico, mas que estão vulneráveis vivenciando, diariamente situações de risco que possam conduzi-los ao envolvimento, esta é uma fase oportuna para desenvolver programas que revertam esta vinculação de prestígio/respeito, com ações de transgressões, furtos, crime e envolvimento com drogas.

Neste estudo foi detectado que, ao mesmo tempo em que existe uma fragilidade do suporte familiar, quando os adolescentes citam que não existe abertura para diálogo e apoio a família, com ênfase na figura materna, é a pessoa de referência e segurança, e a casa é o primeiro local onde os adolescentes dos dois grupos deste estudo sentem-se seguros nas situações de perigos e medos.

Nos dois grupos podemos destacar como um fator de proteção os sonhos do adolescente de querer ser alguém, de estudar e de ter uma profissão, de sair da comunidade carente onde vive, para buscar um lugar melhor para a mãe e para si. Nesta fase, onde a esperança está presente, é necessário incluir e envolver os jovens em atividades que possam fortalecer a sua identidade.

Considerando que o relacionamento interpessoal na família, na escola e na comunidade influenciam positivamente ou negativamente na formação deste jovens, é preciso fortalecer as relações familiares, criar ambientes saudáveis, situações que reduzam os riscos e promovam a Saúde e o bem estar destes jovens. É necessário reconhecer diante da complexidade que envolve os fatores de risco e de proteção à saúde dos adolescentes, que estas não estão delimitadas a setores distintos como Saúde, Educação e Segurança, mas estão permeadas e interligadas em todas os setores,. É responsabilidade de todos, assumirem o seu papel e compromisso e desenvolverem ações intersetoriais para contribuir na formação integral destes jovens. Porém, diante da insuficiência das instituições públicas, o Terceiro Setor tem desenvolvido vários projetos para incluir os jovens e fortalecer a sua identidade, fundados nos valores da cidadania. Este processo de inclusão através das atividades de esporte, cultura (dança, música, capoeira, etc.), capacitação profissional na área da informática, marcenaria, entre outros, reforça a esperança e a possibilidade de construir um futuro longe da deliqüência, das drogas e da criminalidade.

Diante desta inquietação social, o governo pressionado tem buscado alternativas em parceria com empresas como Programa Jovem Cidadão (Meu Primeiro Emprego), Programa do Menor Aprendiz, entre outros, porém não tem tido resultados de impacto para a inserção do jovem no mercado de trabalho, (MADEIRA, 2004).

Neste contexto de desigualdade de renda e injustiças sociais, foram percebidas neste grupo de adolescentes de baixa renda, mais situações de risco do que de proteção à saúde, e considerando a adolescência como a fase de transição para a consolidação dos valores, isto nos leva a refletir que se queremos construir uma sociedade mais pacífica, uma geração com saúde integral, não é suficiente desenvolvermos apenas programas pontuais de saúde, educação ou segurança. Faz-se necessário, além disso, a criação de políticas públicas, de movimentos que articulem as associações de bairro, lideranças comunitárias, organizações não governamentais, as comunidades religiosas, escolas, unidades de saúde, a segurança, entre outros, para oferecer aos jovens

oportunidades de situações de desenvolvimento psicossocial para reduzir os riscos e fortalecer os fatores de proteção à saúde do adolescente.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ANCHIETE, VCC, GALINKIN, AL. **Policiais civis: representando a violência**. Psicologia & Sociedade, v. 17, n. 1, p.17-28, jan-abr, 2005.

ARAUJO, C. **As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferias**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 141-160, jan-jun, 2001.

ASSIS, SG, SOUZA, ER. **Criando Caim e Abel: Pensando a prevenção da infração juvenil**, Ciências & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 131-144, 1999.

ASSIS, SG, CONSTANTINO, P. **Violência contra crianças e adolescentes: O grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90.** In: MINAYO, MCS, SOUZA, ER. Violência sob o olhar da saúde: infrapolítica da contemporaneidade brasileira, Rio de Janeiro, ed. Fiocruz, p. 163-198, 2003

AVANCI, JQ, et al. **Escala de violencia psicológica contra adolescentes.** Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 39, n. 5, p. 702-708, oct, 2005.

BAHLS, SC. **Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes**. Jornal da Pediatria, Porto Alegre, v. 78, n. 5, p. 359-365, set-out, 2002.

BAHLS, Saint-Clair. **Epidemiology of depressive symptoms in adolescents of a public school in Curitiba**, Brazil. Rev. Bras. Psiquiatria, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 63-67, jun, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

ALVEZ . apud BENINCASA, M. **Percepção de riscos e fatores de proteção à vida e à saúde entre adolescentes.** São Paulo, 2005, 221f. Disssertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia. Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

BOURDIEU, P. **Reprodução cultural e reprodução social.** Ed. Perspectiva S.A., São Paulo, 1982.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal n. 8.069 de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos. **Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil.** Brasília: Ministério da Justiça, 2001. (Garantia de Direitos, v.5).

BARCELOS, C. **Rota 66: a história da polícia que mata.** São Paulo, ed. Globo, 2001.

CARDIA, N.O **medo da polícia e as graves violações dos direitos humanos,** Tempo Social, 9(1):249-266, 1977.

CARDOSO, R. **Sustentabilidade, o desafio das políticas Sociais no século 21**. São Paulo em Perspectiva, v. 18, n. 2, p. 42-48, abr-jun, 2004.

COSTA, NR. **Ofício de polícia, violência policial e luta por cidadania em Mato Grosso**. São Paulo em Perspectiva, v. 18, n. 1, p. 111-118, 2004.

COTRIM, BC. **Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 285-293, jun, 1996.

CRUZ, SHV. **Representação de escola e trajetória escolar.** Psicologia USP, São Paulo, v. 8, n.1, p. 91-111, 1997.

FILHO, WM, et al. **Tentativas de suicídio por substâncias químicas na adolescência e juventude**. Adolescente Latinoamericao, Porto Alegre, v. 3, n. 2, 2002

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível no site: http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/noticias/index.html, acessado em 29/12/2006.

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível no site:http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2003/indic_sociais2003.pdf, acessado em 29/12/2006.

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível no: site:http//www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/registrocivil/2002/registrocivil_2002.pdf, acessado em 29/12/2006.

GAWRYSZEWSKI, VP, COSTA, LS. **Homicídios e desigualdades sociais no município de São Paulo**. Rev Saúde Pública, v.39, n.2, p. 191-197, abril, 2005.

GOMES, CA, et al. **A violência na ótica de alunos adolescentes do Distrito Federal.** Cadernos de pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 127, p.11-34, jan-abr, 2006.

GONÇALVES, HS. **Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade,** Tempo Social, Rev. de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 207-219, nov, 2005.

GUARESCHI, NMF, et al. **Pobreza, volência e trabalho: a produção de sentidos de meninos e meninas de favela.** Estudos de psicologia (Natal), Natal, v. 8, n. 1, p. 45-53, 2003.

KNOBEL, MA, **A Síndrome da adolescência normal**. In: Aberastury, A, Knobel, M. Adolescência normal, trad. SMGB, Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

KRUEGER, R. A. **Focus group: a pratical guide for appplied research**. Newbury Park, Sage Publications, 1988.

LEITE, MP. **Entre o individualismo e a solidariedade: Dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 73-90, out, 2000.

Liberal EF, et al. **Escola segura.** Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, n. 81, v.5, supl, p. 155-163, 2005.

MACEDO, AC, *et al*. **Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil**. Rev. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 35, n. 6, p. 515-522, dez, 2001.

MACHADO, EP, NORONHA, CV. **A polícia dos pobres: violência policial em classe populares urbanas.** Sociologia, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 188-221, jan-jun, 2002.

MADEIRA, FR. **A improvisação na concepção de programas sociais, muitas convicções, poucas constatações: o caso do primeiro emprego.** São Paulo Perspectiva, v.18, n. 2, p. 78-94, 2004.

MARTINS, PO, et al. **O Ter e o Ser: Representações Sociais da Adolescência entre Adolescentes de inserção urbana e rural.** Psicologia Reflexão Critica, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 555-568, 2003.

MAHEUS, TC. **O discurso adolescente numa sociedade na virada do século.** Psicologia USP, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 85-94, 2003.

MILANI, FM. **Adolescência e violência; mais uma forma de exclusão**. Campos – Revista de Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, v. 15, p. 389-402, 1999, disponível em: http://calvados.c3sl.ufpr.br. Acesso em: 22/07/2006.

MINAYO, MCS. **A violência na Adolescência: Um problema de Saúde Pública.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.6, n.3, p.278-292, jul-set, 1994.

MINAYO, MCS. **Violência social sob a perspectiva da saúde pública.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.10. supl. 1, p. 7-18, 1994.

MINAYO, MCS, ASSIS, SG. **Bibliografia comentada da produção intelectual sobre a violência no Brasil até 1990**. Rio de Janeiro, Panorama/Ensp, 1990.
MORGAN, D.L. **Focus group as qualitative research**. Newbuty Park, Sage Publication, 1997. (Qualitative Research Methods Series 16).

MUZA, GM, COSTA, MP**. Elementos para a elaboração de um projeto de promoção á saúde e desenvolvimento dos adolescentes – o olhar dos adolescentes.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 321-328, jan-fev, 2002.

NOGUEIRA,CMM, NOGUEIRA MA. **A sociologia da educação de Pierre Boudieu: Limite e contribuições**, Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-35, Abr, 2002

NOTO, AR, GALDUROZ, JCF. **O uso de drogas psicotrópicas e a prevenção no Brasil**. Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 145-151, 1999.

PAREDES, EC, PECORA, AR. **Questionando o futuro: as representações sociais de jovens estudantes. Psicologia:** Teoria e Prática, ed. Especial, p.49-68, 2004.

PINHEIRO, OS. **Violência, crimes e sistemas policiais em países de novas democracias,** Revista tempo Social, v.0, n.1, p 43-52, 1997

PORTO, MSG. **Política e Violência: representações sociais de elites policiais do Distrito Federal**, São Paulo em Perspectiva, v. 18, n. 1, p. 132-141, jan-mar, 2004.

SANCHEZ, VMS, NAPPO, AS. **Seqüência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes,** Ver. Saúde Pública, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 420-430, 2002.

SANCHEZ, VMS, et al. **Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade.** Ciências & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 43-55, 2004.

SANCHEZ, VMS, et al**. Razões para o não uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco.** Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 599-605, ago, 2005.

SANCHES ET AL apud MILLER. **Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade.** Ciências & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 43-55, 2004.

SANT'ANA, A, et al. **Homicídios entre adolescentes no Sul do Brasil: situações de vulnerabilidade segundo seus familiares**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 120-129, jan-fev, 2005.

SCIVOLETTO, S, et al. **Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de Segundo grau de São Paulo**. Rev. Bras. Psiquiatra, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 87-94, abr-jun, 1999.

SCHENKER, M, MINAYO, MCS. **A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica.** Ciências & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 299-306, 2003.

SILVA, CSR. A **relação dinâmica transferencial entre professor-aluno no ensino.** Rev. Ciência & Cognição, v. 8, p. 165-171, agos, 2006. Disponível no site: http://www.cienciasecognicao.org, acessado: 23/01/2007.

SOARES, CB, et al. **Opinião de escolares e educadores sobre saúde: o ponto de vista da escola pública de uma região periférica do Município de São Paulo.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.19, n. 4, p. 1153-1161, jul-ago, 2003.

SOLDERA apud GUALDUROZ **Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricas de Campinas (SP): prevalência e fatores associados**. Rev. Bras. Psiquiatria, São Paulo, v. 26, n. 3, p.174-179, 2004.

SOLDERA, M. apud CEBRID, **Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricas de**

**Campinas (SP): prevalência e fatores associados**. Rev. Bras. Psiquiatria, São Paulo, v. 26, n. 3, p.174-179, 2004.

SOUZA, ER, et al. **Avanços do conhecimento sobre causas externas no Brasil e no mundo: enfoque quanti e qualitativo.** In: MINAYO, MCS, SOUZA, ER. Violência sob o olhar da saúde: infrapolítica da contemporaneidade brasileira, Rio de Janeiro, ed. Fiocruz, p.131-160, 2003

SPAGNOL, AS. **Jovens delinqüentes paulistanos.** Tempo Social, Rev. de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n.2, p. 275-299, nov, 2005.

SPOSATI, A. **Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo 2000: Dinâmica Social dos anos 90**, São Paulo, 2000.

SZWARCWALD, CL, *et al*. **Desigualdade de renda e situação de saúde: o caso do Rio de Janeiro**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.15-28, jan-mar, 1999.

TAQUETTE, SR, et al. **Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 1437-1444, set-out, 2003.

TAVARES, BF, et al. **Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes.** Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 150-158, 2001.

TAVARES, BF, et al. **Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares.** Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 38, n. 6, p. 787-796, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Child and Adolescent Health and Development.** Disponível em: <http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh_over.htm>, acesso em: 05 dez. 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent health and development in nursing and midwifery education**, Geneva, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **A Manual for the Use of Focus Group,** (Methods for Social Research in Tropical Disease, 1). Geneva, 1992.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO)**.** Krug EG, et al, **World report on violence and health.** Geneva, 2002.

ZALUAR, A, LEAL, MC. **Violência extra e intramuros.** Rev. Bras. De Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 145-164, fev, 2001.

ZALUAR, A. **Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas.** Rev. Bras. Ciências Sociais, São Paulo, v. 12, n. 35, p., fev, 1997.

**ANEXO A**

**Autorização da Comissão de Ética de Pesquisa da**

**Universidade Metodista de São Paulo**

Universidade Metodista de São Paulo

UMESP

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-0
28/09/06 - 076489/05

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP-UMESP

Título do Projeto de Pesquisa: Percepção de situações de risco e de proteção à saúde de adolescentes de baixa renda

Pesquisador Responsável: Eli Ikuta Shimizu

Curso/Faculdade: Pós-Graduação em Psicologia da Saúde

O Comitê de Ética em Pesquisa, reunido em 28/09/06, deliberou como segue sobre o protocolo em questão:

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo: *investigar as situações de risco e de proteção à saúde e a vida, vivenciada por um grupo de adolescentes de baixa renda; investigar a percepção de situação de risco e de proteção de um grupo de adolescentes de baixa renda; Identificar quais os suportes sociais que ajudam a lidar com as situações de risco; Identificar as vivências familiares na formação, que caracterizam as situações de risco e proteção à saúde e à vida destes adolescentes.* Após leitura e análise do projeto e exame criterioso de todos os itens que compõem os documentos do Protocolo de Pesquisa, incluindo os itens presentes no Roteiro de Checagem para o parecerista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) observa-se que o pesquisador está apto a começar a pesquisa.

O CEP-UMESP considera o projeto de pesquisa **APROVADO**, lembrando que a condição de aprovação da pesquisa propriamente dita exige o que segue:

- Que sejam encaminhados ao CEP-UMESP relatórios anuais sobre o andamento da pesquisa (parciais e finais)
- Que sejam notificados ao CEP-UMESP eventos adversos que tenham ocorrido no curso da pesquisa e que sejam significativos do ponto de vista ético e metodológico;
- Que sejam notificadas eventuais emendas e modificações no protocolo de pesquisa

São Bernardo do Campo, 28 de setembro de 2006

***Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza***
***Coordenadora do CEP-UMESP***

---

## ANEXO B

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

# UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu_____, responsável pelo menor_____estou ciente de que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é referente a uma pesquisa de caráter descritivo, com o objetivo de investigar a percepção de situações de risco e de proteção à saúde de adolescentes de baixa renda. Será aplicado um questionário e realizada uma atividade em grupo para a coleta de dados.

O participante terá liberdade para manifestar-se, poderá fazer qualquer questionamento acerca do estudo e de sua participação, devendo ser esclarecido sobre suas dúvidas em qualquer momento da pesquisa.

É garantido o sigilo acerca da identidade do informante e a sua participação é voluntária. Todas as informações obtidas, serão mantidas sob sigilo em lugar seguro. O seu nome não será divulgado em nenhum momento do estudo, tendo o entrevistado toda a liberdade de recusar-se a participar do mesmo e a não responder questões se julgar inapropriadas, sem que isso represente qualquer prejuízo, desconforto ou risco a sua pessoa.

Os resultados serão descritos e analisados em um relatório formal, de caráter dissertativo que ao término será apresentado publicamente, sob a forma de dissertação de mestrado.

Declaro ter compreendido o objetivo, o procedimento e o destino final das informações colhidas para a pesquisa e autorizo o menor sob a minha responsabilidade a participar do estudo.

São Paulo, ____ de _____ de 2005.

Assinatura:_____

## ANEXO C

### Transcrição dos fatores de risco e proteção do grupo A

### PRIMEIRA REUNIÃO

**Violência e Tiro**

Morrer de tiroteio

Bala perdida

Tiro

**Violência física**

Ser espancado

“agente sai de bando para não apanhar”

**“Palhaço”**

Ir na escola na época do palhaço, que falaram que estava pegando as crianças.

Tirava as tripas e jogava no lixo.

O palhaço ia catando as crianças

**Violência e Polícia**

“Eles entram na nossa casa e acaba com o estoque da comida”

“Bagunçam toda a nossa casa, reviram tudo”

“As vezes eles entram e jogam tudo no chão”

“Às vezes tiram até o telhado, quando eles querem alguma coisa”

“...tiraram tudo do guarda roupa, apontaram a arma pra nóis e manda ficar parado, aí nóis tem que respeita eles, quando eles querem. Eles tiram tudo, depois que eles vão embora fica tudo bagunçado.

“...na minha casa não aconteceu, mas na casa do meu tio.

“Reviraram tudo”.

**Vizinhos**

Tem violência, sim, a vizinha está sempre brigando com o marido, dá pra ouvir a briga deles tudinho....

**Coisas boas para fazer**

Jogar bola, Empinar pipa, Dormir, comer, Jogar vídeo game

**Escola**

De bom a educação física e de ruim a merenda

“Ave Maria, o professor vem um dia falta no outro”

Comida enlatada

**Família**

De bom a minha mãe e meu pai

A comida

**O que gostaria que tivesse na comunidade**

Parque de diversão, para tirar gente da rua e ter coisa para fazer.

Parque tipo Ibirapuera

Computador com internet

Curso de idioma grátis

Salário

Esporte

Lan house

Clube

Jogar bola

**Insatisfação**

“Eu gostaria que tudo fosse mais organizado, o lixo por exemplo, fica tudo amontoado, o caminhão fica parado e tem que tirar todo o lixo que fica acumulado no mesmo lugar.

**Sonhos**

Morar nos EUA, lá tudo é melhor, a comida, as mulheres

“Eu quero tirar minha mãe e meu pai daqui”

Eu quero ser advogado

Eu quero ser administrador de empresa ou hospital, porque ganha mais e é valorizado no mercado de trabalho.

Eu quero ser professora.

Eu quero ser médico.  Esportista

## SEGUNDA REUNIÃO

**Violência e tiro**

Morrer de tiro.

De bala perdida.

**Palhaço**

“não era um palhaço, mas era um homem, que tirava os olhos”

“Uma amiga da minha cunhada, foi pego por esse cara”

“ele pegava as crianças”

**Proteção**

“sair de bando”

“Correr pra casa”

**Pessoas de proteção**

Penso em Deus

“Fico rezando”

“Ando com terço”

Minha mãe

Meu pai

**Lugares de proteção**

Pra casa da vizinha

Nos bares

No porão

Na casa do meu primo

Na casa dos parentes

Na casa dos amigos

**Situação de tristeza**

“Algum parente da sua família morrer”
“Quando o namorado acabar com ela”

**Doenças**

Pegar uma Aids

**Drogas**

“Fumar um cachimbo”
“Outro dia ela tava doidinha”
“Já vi um cara caído
“Eles cheiram o lance”
“Já vi na quermesse”
“Na balada, rola tudo”

**Ataque do PCC**

“foi atacado o Banco do Brasil”
“O Banco do Brasil “bum”
“Eu tava lá conversandoe daí “bum”, estourou tudo.
E o busão virado de ponta cabeça.
O caixa tudo estourado

**Medo de ataque epilético**

“Um amigo meu teve um ataque no meio da sala”
“Ele tava num jogo de bola, foi tirar o tênis, e teve uma crise”
“Um amigo meu tem crise, mas não enrola a língua, mas tem ataque já tem 18 anos”
“Uma vez desceu o espírito”
“Uma vez ele subiu no muro e deu um mortal assim ó. Tava com ollho virado assim. A hora que ele passou todo mundo saiu correndo”
“Todo mundo ficou com medo”
“O olho dele começou a virar, começou a chutar a cadeira e a cadeira foi”

**Tristeza de pobreza**

“Tristeza de pagar a mensalidade do curso, gastar dinheiro

“Ser pobre dá muita tristeza”

**Preconceito contra os mais pobres que eles: sentimento de superioridade (preconceito de classe)**

“Ele é favelado”

“Ele mora numa favela bem pior que a nossa”

“É casa em cima do rio, de madeira”

“As casas lá são só de madeira”

“Eu fui comprar roupa, e falei vamos cortar caminho, fomos cortar caminho e era só....”

**Sentem o preconceito do outro em relação a si mesmo**

“A dona “X” só conhece as pessoas pela roupa.

“Se você por uma roupa da hora e for pra escola, ela pensa que você é rica”

“Os sorvetões ficam chamando agente de pobre.

“De favelado, vontade de dar um murro nela”

**Atitudes quando são marginalizados**

“dá uma raiva”

“Nóis chingamos, mas falamos que somos favelados mesmo”

“Temos que mostrar que somos homens mesmo”

“ou nóis brigam, ou nóis afasta dele”

“deprimido”

**Depressão**

“Tenho uma prima que tem depressão, ela tem a minha idade”

## TERCEIRA REUNIÃO

**“Cabular aula”**

“Agente tava na escola e não queria entrar na aula, aí foi o “X” cabulou a aula e veio a diretora e a inspetora atrás dele e ele foi e pulou o muro, e sabe o que ele fez? Voltou para a escola de novo, aí a diretora foi e chamou a polícia

escolar, aí ele tava dentro da escola aí o moleque pulou do outro lado e a polícia pegou ele logo”

**Violência da polícia**

“Nóis tava vindo da escola, aí tinha um moleque chamou o policial de coxinha, aí o coxinha pegou ele e deu um “tablefe” e mandou nóis ir para o paredão e aí começou a bater em nóis.”

..o policial falou: “ei você , eu sei que não foi você”. E aí falei: “Posso ir embora?” e ele: “Não, eu mandei você embora? Porra”

“...tava eu e meus amigos todos juntos, você tava? (pergunta para o colega do lado), quando aquele homem saiu do nada?

Tava, aquele com o “capetão”, né?

“Aí começou a apontar a arma para todo mundo, foi na escola”

Aí eu fui tentar correr e as minhas pernas travou, aí eu paro na frente do homem, minhas pernas ficou tudo duro, e daí eu não sei como consegui levantar e saí correndo.

A arma chega a brilhar

Eles tavam com o carro diferente e sem a roupa de polícia.

Mas tava com a arma

**Medo da Febem**

“...que eles queriam levar nóis pra Febem, porque ele falou que não ia cabe todo mundo no carro pra levar”

**Proteção da mãe**

“...quero a minha mãe” (na situação relatada da experiência com a polícia)

**Tristeza**

Separar do namorado

**“Proteção” policial**

Quando o pai do “colgate” ia lá direto.

Era um moleque omaior gordão

Folgado, se você batesse nele, e aí a polícia vinha.
Ou então, o pai dele queria bater na pessoa que bater no filho dele.

**Polícia na escola**

“É assim, se você não entra dentro da sala, e a diretora vem atrás de você pra dar a suspensão, e aí você corre e você pula o muro, sai da escola e você volta, ela chama a políca, a ronda escolar”

**Professora (somente uma com perfil para proteção)**

Professora X, ela não é como as outras.
Ela é muito diferente, tem paciência pra explicar.
Tem humildade, respeito

**Injustiças sentidas**

Se eu estiver de suspensão eu não entro. O moleque se estiver ele entra, mas ele não deixa entrar.
O moleque entra e eu não posso (revolta)
Outro dia eu estava de suspensão, e foi de outra coisa e o outro também, aí eu entrei de fininho, e o moleque também, e aí: “volta pra casa”, só comigo.

**Local de proteção**

Em casa
Na casa da minha vizinha

**Amigos**

“quando agente ta fora, agente pensa em voltar pra escola por causa dos amigos”
“A escola é um lugar legal, só pra encontra com os amigos.”

.

## ANEXO D

## Transcrição dos fatores de risco e proteção do grupo B

## PRIMEIRA REUNIÃO

**Perigo**

- Ir para escola

**Atentado**

- ... eu ouvi. Estava lá embaixo na casa do colega. Sei que explodiu e roubaram o dinheiro do banco

... a população ficou com mais medo foi com os ataques. Lá onde eu trabalho nunca fecha, só fecha na paixão, mas nesse dia fechou.

**Violência e tiro**

- você sair de casa logo às 5 ~6 horas da manhã

- Tem perigo de ser assaltado, levar um tiro por causa de alguma coisa
- Bala perdida

**Assalto**

- Roubaram o meu celular de dentro da minha casa

**Empinar pipa**

- Empinar pipa perto dos fios, tomar um choque
- Empinar pipa, encostar no fio. Eles tem costume de quando enrosca a pipa e vai tirar e encosta no fio descascado, dá choque.

Tem um menino que a pipa caiu dentro da casa dele, ele enroscou o braço e a lança do portão entrou no braço dele e ficou “assim”.

- Agente empina pipa em cima da laje.
- Não cai porque tem muro na laje e não tem perigo.
- O pior não é isso, é você estar com uma lata de cerol na mão, você está passando na linha e passa uma criancinha, degola a criança e era uma vez.
- O motoqueiro também, por isso que os motoqueiro anda com uma antena.
- Coordenadora: Aqui vocês empinam pipa e passam cerol?
- Claro, senão eu perco.
- Até o dia que a polícia me pegou.

**Violência e polícia**

- Chegar em casa tarde.
- O risco é você chegar em casa, tipo você presenciou uma briga, pode levar uma bala perdida, ou o guardão pode te pegar e arrebentar no cassete.
- Isso acontece, nessa época de quermesse, você vai pra onde e quando volta de madrugada e aí você pode encontrar uma polícia às vezes, a maioria é folgado, e pode apanhar.
- E se não tiver ninguém, você morre ali mesmo.
- A polícia pode estar fazendo a sua ronda normal e aí ela vai ali e te para.
- Porque o que ela mais gosta é de bater nos outros. Adoram bater nos outros.
- Pelo menos, eu acho que é porque é pessoa de favela e eles acham que já é alguma coisa.
- Coordenadora: Vocês já apanharam da polícia alguma vez?

- Eles bateram um pouquinho, mas eu não apanhei não, quase.
- O menino aqui do meu lado, aqui na rua do lado apanhou da polícia.
- O colega que mora aqui também já apanhou da polícia.
- .. mas qualquer hora é hora, mas mais perigoso é à noite, porque não tem ninguém vendo e ainda mais se você está sozinho, quando não tem ninguém eles arrepiam mesmo.
- ...eu ando à noite, porque meu serviço é à noite, eu sou entregador de pizza, e volto à noite, eu venho sozinho. Estes dias eu encontrei com eles ali, e quando vi, eu virei e desci para o bar, para não tomar no quadro. Porque eles gostam de ficar perguntando, interrogando, só que eu não gosto de interrogação.
-...quando está voltando de uma quermesse ele fala de onde está vindo, da onde você é? Eu sou dali. E aí eles te encostam num canto, porque eles acham que tem passagem.
- E eles batem mesmo em todos os casos.
- Outro dia ele foi falar com a menina, e quando ela foi responder, e aí ele “pufi” na cara dela.
- A minha prima ela tinha um namorado bandido, e ela viu o policial batendo no namorado e aí ela se meteu, a polícia deu um tapa na boca dela.
- Quando eu saio do meu serviço, 11 ~11h30 danoite, não tem ninguém na ruas, porque está todo mundo dormindo, todo mundo está nas suas casas, porque ninguém quer apanhar de graça.

**Violência da polícia entrar na casa**

-... porque a qualquer hora os policiais, podem bater e entrar na sua casa, pode ter fugido alguém e aí eles vão lá na sua casa pertubar.
-...é mas às vezes os policiais gostam de pressionar, até onde vai a sua atitude, pra ver se você vai falar ou não.
- já entraram uma vez na minha casa. Estava eu e meus três irmãos. Aí eles fecharam dentro da casa e mexeram tudo, eles mostraram a arma e perguntaram se o meu pai tinha uma dessa. Eu falei que não, e aí derrubaram a arma. Só estava as três crianças. Eu falei para eles arrumarem tudo. Eles arrumaram e ainda usaram o meu banheiro. Eu tinha 5 anos.

- .. . chegaram e reviraram tudo, e aí a minha tia perguntou se eles tinham o mandato e eles não tinham mas reviraram do mesmo jeito. Colocou a mão no armário e começou a jogar as roupas tudo e coisas que ao tinham nada a ver, debaixo do colchão.
- Coordenadora: Mas o que eles estavam procurando?
(vários respondem que é drogas ou armas)
- Para eles consumirem.
- Acho que as armas eles vendem.
- Todas as armas que eles acham pó aí eles levam para o batalhão e vendem.
- Porque existem bastante policiais corruptos.
-...É ficar sentado e olhando eles.
- Para ver se eles vão jogar alguma coisa para incriminar você.
- Às vezes eles colocam a droga dentro do seu bolso, e aí começam a te revistar e acham a droga e levam você.

**Os traficantes**

- eles protegem mais do que os policiais.

**Escola**

- Eu sinto falta da escola mas não dos professores
- O que agente sente mais falta é do lazer dentro da escola, porque, pra bem dizer a escola parece uma cadeia, igual a Febem, é só grade, muita ocorrência, parece uma prisão a escola, eu me sinto refém na escola.
- Essa não é a minha opinião. A escola pra mim o estudar é o forte. Lá agente conversa com as pessoas, tem amigos diferentes dos que moram aqui.
- Bom na escola: joga futebol, vôlei.
- Educação física, é o melhor.
- Cabular aula.
- Conversar com as amigas, “fofocar”.

**Atividades de proteção**

- Tem circo escola, eu faço aula de contorção.
- Cama elástica, capoeira
- Assir televisão e jogar videogame
- Jogo bola, vou empinar pipa, jogar bola na USP.

**Única professora de confiança**

- Tem a professora “X”, porque ela conversa bastante com agente.
- É um amor de pessoa.
- O diálogo.
- Ela é sincera, ela não é falsa não. Ela fala uma coisa e quando sai da sala não fica falando outra.

**Diretoria como “autoridade”**

- Não é nada bom
- Quando eu desço, tem que ter jogo de cintura, ela fala: “Quer dizer que você está aprontando na sala de aula?” Mostra o livro preto, e fala que vai ter que assinar o livro preto, e chamar os pais. Se os pais não comparecerem você não entra na sala amanhã. Se agente entrar, e ela pegar a gente...
- Tem gente que ela manda embora, mas eles pulam o muro e voltam para a escola, e fica tendo aula, e coitado se ela entrar e ver ele assistindo aula. Ela põe para fora, faz sentir vergonha.

**Injustiças na escola**

- Eu já voltei (por não estar de uniforme), xinguei ela porque um dia uma menina estava de calça jeans e ela disse: “Eu posso” se exibindo. Me deu vontade de puxar os cabelos dela.
- Ela (a diretora) escolhe quem ela quer tratar bem.
- Às vezes, a professora me dá o crachá para ir no banheiro e aí ela fala para a professora: “de novo esse menino ta aqui em baixo, de novo, toda vez?” (dá a entender que só porque ele não é nenhum dos protegidos da diretora).

**“Palhaço”**

- É uma história de um palhaço que pegava as crianças, todo mundo ouviu esta história.
- Fiquei sabendo que tinha uma criança lá no sapé, que eles tiraram os olhos, os órgãos e aí deixou o dinheiro para fazer o enterro.
- Outro dia ouvi uma história que mataram uma pessoa atrás do Extra.

- Eu tinha que pagar a conta e eu não fui de medo. Tive que pagar até com multa.

**Sofrer preconceito por morar na favela e ser negro**

- Porque o que ela (polícia) mais gosta é de bater nos outros. Adoram bater nos outros.
- Pelo menos, eu acho que é porque é pessoa de favela e eles acham que já é alguma coisa.
-...quando está voltando de uma quermesse ele fala de onde está vindo, da onde você é? Eu sou dali (da favela). E aí eles te encostam num canto, porque eles acham que tem passagem.
- Eles (polícia) tem bastante preconceito com a pessoa que é negra.
- Eles são negros mas tem preconceito contra a pessoa negros, mesmo quando você está andando sozinho, ele faz questão de parar e começar a bater, nem faz questão de perguntar.
- ...comigo é com negro e favelado.
- eles pensam que todo mundo que mora na favela está envolvido com alguma coisa, aí já, nem precisa perguntar nem nada.
- ...o cara veio falar que eu tinha riscado o carro dele, um carro novinho, daí eu falei que não tinha sido eu não, aí um cara drogado, veio todo nervoso: “é foi você, foi você, não corre não que vou chamar a polícia”. Aí vi meu amigo passando e pedi para chamar a minha mãe. ..Logo que a polícia chegou a minha mãe chegou. Aí a polícia falou, a senhora teve sorte, porque da próxima vez que nóis pegar ele, você ia buscar ele na 93 ou na Febem.
- Até parece que agente é fugitivo, um monte de gente olhando agente, um par de gente olhando.

**A casa como proteção**

- ...correr para dentro de casa.
- Fico dentro da casa e não saio mais.
- É melhor ficar em casa.

**Roubo**

- Ele estava com o moleque, e ele foi roubar num mercado que tem lá em cima, aí quando tava passando assim e aí os caras: “Ei você para aí, levanta a camisa, o que tem aí em baixo?” Tava cheio de bolacha...

- ,,,Então você vai para Febem....

- Os bichos ficaram assim ó. Aí os caras levaram agente num quartinho, e aí foi fazer uma pá de perguntas. Mostraram as câmaras, filmando, pegando as bolachas e tudo, e falaram: “Seus ratos” falaram um monte e liberaram. Falaram que da próxima vez vão levar para a Febem, e a mãe ia ter que ir lá buscar.

- A maioria ta lá (na Febem) porque roubou.

- A mãe dele falou que se você voltar a roubar de novo e for parar de novo na Febem, vai ficar lá mesmo, ele roubou e ta lá preso até agora.

- ...tem um cara da minha classe que também roubou do projeto. Os caras do Projeto, davam tênis, roupa, cesta básica, e um monte de coisa, além dele dar um monte de coisa, tinha um colega da minha classe que roubava. Ele teve uma vez que ele ia dar um curso, aí dava um passe para móis ir e voltar, aí ele seqüestrou os passes. Ele roubou a chave do carro e pediu o dinheiro para devolver.

(risadas e gozações, porque havia sido um dos colegas presentes no grupo).

-... eu pegue, mas chegou num ponto com os outros caras, o “neguinho” me falou: “a foi você que roubou, então vamos dividir”, eu tenho o maior trabalho pra pegar, mas ta bom,

- E aí vocês foram comer pastel na barraquinha.

- Vamos lá na barraca do pastel. Chegou na barraca e então: “vamos dividir esse dinheiro que você pegou, se você não dividir eu vou contar”, ta bom, só o bolinho de passe começamos a dividir. E aí eu fiquei pensando comigo que esse povo é o maior safado eu pego e tenho que dividir.

**Mãe como proteção**

- Nestas horas (situação acima) todo mundo lembra da mãe, ....quando está numa fria, todo mundo pensa na mãe.

**Deus como proteção**

- ... eu penso em Deus, na hora, eu penso e agora meu Deus. Quando você tem algum problema para resolver, você tem que resolver sozinho, e aí você tem que pedir ajuda para Deus senão você não resolve nada.

## SEGUNDA REUNIÃO

**Morte**

- Coordenadora: Em quais situações, os adolescentes da idade de vocês podem sentir tristeza?
- Quando alguém da família morre.

**Doença**

- Quando você descobre também que vai ter que ser operada, também dá tristeza. Eu fui operada do rim, há dez anos.
- Eu estava internada, e vi o médico conversando com a minha mãe fiquei escondida e estava atrás da porta e ele falou, que o caso da sua filha é grave, ela vai ter que operar. Quando eu ouvi, saí falando: “eu não vou ser operada” e saí correndo. No dia que fiquei operada, fiquei três meses na UTI.

**Depressão**

- Um problema na família. Tem alguém da família que toda hora quer se matar. “Eu vou pular do prédio”, a pessoa vive desse jeito, é uma pessoa triste.

**Solidão**

- Não tem amigo (causa de querer pular do prédio).
- ...tipo todo mundo está brincando e fica sozinho
-... inimizade com outras pessoas também.

**Amizades**

- Eu fui conversar com as colegas
- Dá mais segurança, falar com os parentes
- Converso (sobre namoro e sexo) com os amigos

- ...com amigos mais velhos, agente fala uma coisa, outra (sobre sexo e namoro)

**Única professora de confiança**

- Na escola, tem uma só professora que conversa. A "X", ela faz debate, conversa.
- Você se sente em casa, porque o que agente não pode falar em casa, ela fala.

Quando eu precisar, eu sei que posso ir lá falar com ela.

- A única (professora), que eu confio é ela, ali é só ela. Porque as outras todas falsas.
- ...eu penso na professora "X".

**Casa como proteção**

- Eu me sinto seguro dentro de casa.

**Violência e polícia**

- Na hora que vi os policiais subirem pra rua cima, pensei: "Não vou de lá não", e na hora que eu ponho a mão na porta, a polícia:
- "O você desce", ainda me puxou pela camiseta. "Ê você aí", eu falei não é nada não, me colocou na parede, me revistou, revistou, revistou, abriu minha porchete e perguntou:
- "Ta correndo porque?", falei de nada não, só de agente andar, rapaz, se agente corre, ele me pegou...
- "Só parei vocês, pra fazer de trouxa", ainda me chamou de trouxa e falou:
- "Vai com a sua família, vai" E ainda passou três vezes, ali na rua pra ver se eu não estava ali., daí fiquei dentro de casa é lógico, eu não fiquei bobeando ali, é porque senão eles pegam de novo, e se me pegassem de novo ia ter cassete, viu...
- ...que nem agora, se ta cheio agora, e aí avisou que a rota vem aí, você vai ver não tem mais ninguém na rua.
- Todo mundo avisa, quando eles chegam lá na entrada.
- ...outro dia eles pegaram um menino lá, quando ele estava lá, mandou andar com a mão para trás, e o menino continuou, e daí ele "ta": "Eu já valei que é

para andar com a mão para trás, caralho", assim colocaram a mão dele para trás,
deram um murro no menino, aí eu anotei a placa e dei para o menino, se ele abrisse uma BO contra ele ia ser punido.
- Mas dá medo. Tenho raiva dos policiais, conheço um cara que trabalha lá, depois eles pegam e....
- Se pegam ele, ele vai rezar para morrer logo.

**Lugar na comunidade onde se sentem seguros**

- No circo escola
- Aqui na Associação
- Dentro de casa

**Polícia na escola**

- A polícia já "baixou" na escola uma vez
- Porque tinha gente cabulando aula. Veio um monte atrás de nós. A polícia veio por cima do telhado, deu vontade de correr mas se agente corresse eles iam pensar que agente era "cabulante", mas a professora "X", estava com a gente e falou pra gente ficar sentado aí e ninguém se mexe. Daí abaixaram a arma.
- Uma vez eles entraram com a metralhadora dento da sala de aula, e a menina olhou e começou a chorar, e eu quero a minha mãe.
- Coordenadora: Mas o que eles estavam procurando?
- Entrou gente de fora pra dentro da escola para se esconder, entendeu? Aí a diretora ligou pra ronda e eles vieram na hora, aí veio a polícia e perguntou pra ela:
- "Cadê os marginal daqui?" , perguntou pra ela e mostrou a metralhadora, e procurando na sala, em todas as salas.
- eu acho que eles não podem apontar a arma pra gente.
- Eles acharam os caras que estavam procurando e daí eles levaram.
- Eu vi os caras derão um tapão nos caras dentro do carro.

**Ser adolescente é ter mais responsabilidade**

- ...é acatar mais responsabilidade.

- Você tem que fazer a suas coisas, você tem que começar a fazer as tarefas da casa
- você tem que se virar, e você tem que fazer tudo, arrumar casa, fazer comida.
- A minha mãe já me ensinou, porque se ela não tiver mais aí já era.
- ... olha filha, já está na hora de você aprender porque se eu morrer você vai morrer de fome.

**Ser adolescente é mudanças**

- .. você sofre por mudanças no corpo, por responsabilidade e essas coisas de se apaixonar aí, e aí você fica meio perdida.
- Acho que na mulher, como ela menstrua é no emocional, na primeira vez, se ela nunca teve uma conversa com a mãe dela, sobre essas coisas, aí acontece e ela fica nervosa.

**Não há diálogo com os pais sobre sexo e namoro**

- Eu nunca conversei (sobre sexo, namoro) com a minha mãe sobre estas coisas não.
-...ela não chega pra conversar também.
- Agente vai falar alguma coisa e aí ela fala: “Menina”, aí já penso deixa quieto.
- Eu não converso com o meu pais
- Eu também não converso com os meus pais, eu não converso com ninguém.

**Expectativa para o futuro**

- Eu vou ter uma empresa de carro, e vou só mandar os trouxas fazerem as coisas
- Eu penso em fazer uma faculdade de medicina, e depois, trabalhar muito ter a minha casa.
- O meu sonho é quando eu fizer 18 anos, é sair da minha casa, ter minha casa, nem que seja um quartinho, porque eu não me dou bem com o meu pai...
- Eu vou sair da minha casa, quero ter serviço, comprar a minha casa...
- Arrumar um trabalho digno e ganhar mais.

**Vingança da polícia**

- Eu quero ser do exército, porque é bom sair de lá com um cargo, já lá dentro, que quando você sai de lá fora você é respeitado, quando algum policial querer furar com você, e aí é só tirar a roupa assim e ta vendo aqui, e aí você também já começa a “zoar” a polícia. É só mostrar a carteirinha e já fica com a mora.

## TERCEIRA REUNIÃO

**Razão para o adolescente beber**

- Eles bebem para beber. Na maioria em balada, assim pra fora, lá em Pinheiros, tem o Tropical, o povo enche a cara.
- A maioria das pessoas quando vai pra balada, tudo vai pra beber.
- Bebe porque gosta
- Porque sente falta, se eu bebo, se você não bebe, eu também estou bebendo, porque eu também tou bebendo...
- Pra não ficar chato.

**Drogas como risco**

- É embalo também.
- ...faz uso todo dia, só na erva, começa com uns 16 anos.
- ...eles fazem porque se sentem melhor, depois que toma.
- ...porque eles começam usando drogas e depois, começa assim, primeiro o seu amigo dá, e aí depois ele não tem dinheiro pra comprar, aí ele vende tudo que tem dentro de casa.
- Começa a roubar, roubar, vende os móvel, vende tudo dentro de casa, só pra comprar as drogas.
- ...mas se você ta perto da pessoa que usa as drogas, a polícia passa perto, leva todos.

**Uso das drogas para fugir dos problemas**

- ...quando vê que não dá mais pra ela, que ninguém liga mais, que ninguém dá mais atenção, aí você pula nas drogas.
-... porque eu acho que ele quer sair dos problemas, né, fazendo fuga do problema, usando as drogas.

**Uso das drogas para ser respeitado**

- ...principalmente dentro da favela, tem gente que acha que é alguma coisa, aí o adolescente vai no embalo das pessoas e usa a droga junto, só pra dizer que está junto com um cara que tem respeito.
- É a pessoa só porque já fumou a droga, fez isso e aquilo, pensa que já é um ladrão, e começa a roubar e começa a ir atrás das pessoas.
-...se acha que mais um pouco de respeito, quando está usando drogas, e ta partindo pra outro lado da vida.
- Ele se acha, que tem mais respeito.

**Ser confundido com alguém pela polícia**

- Medo de você estar na rua e ser confundido com alguém, ainda mais os policiais que gostam de confundir com os outros.
- ...e as pessoas quase foram preso, porque foram confundidos por outros.
- O meu pai já foi preso, porque confundiu com o meu tio, eles são parecidos e ele foi preso no lugar do meu tio.
-...igual o meu vizinho, que foi morto, o irmão dele saiu pra roubar e levou o RG dele.

**Casa como local de proteção**

- ...é só ficar em casa (para não ser confundido pela polícia)

**Violência da polícia na quermesse**

- ...foi no domingo, tava tendo quermesse com barraca e tudo, daí a polícia chegou e todo mudo correu.

- ...tem alguém que esteja lá, que mexe com o tráfico, que ta lá, pra você continuar bem no tráfico, tem que ter ligamento com a polícia, né? E aí tem que pagar por semana, toda semana tem que dar um dinheiro para não ser pego tem que pagar, talvez eles não deram este dinheiro.
- ...imagine lá, um sobe, desce no beco.
- Eles chegaram, jogaram um monte de spray e mandaram todo mundo no paredão, até as crianças.
- ...quando subirão no paredão, eles ficaram gritando: “Seus FDP, não sei o quê, isso é hora de ficar na rua...e ficou falando um monte.
- ...isso era uma hora, e aí revistaram todo mundo que ficou lá, porque quando eles chegaram um monte foi embora, tem gente que até caiu.
- ...ainda depois que todo mundo foi embora o policial ficou tod zoando, jogando a lata de cerveja no chão, falando um monte.

**Briga de gangues**

- Uma vez tava tendo um pagode no estacionamento, do nada chega, uns caras de fora pra...e daí era tiro pra tudo quanto era lado, e aí as mulheres tudo de salto, correndo no barranco, tudo rolando.
- ... veio umas pessoas de fora, acho que era pra matar não sei quem, aí mataram as pessoas e escutaram os tiros e um monte de gente começou a correr.
- ...tinha gente que caiu, e o pessoal passou por cima.

**Relacionamento entre homem e mulher**

- ...mas tem homem que é burro que chega em casa e entrega o dinheiro pra mulher....
- A mulher não é proteção.
- Tem também um monte de mulheres que estão trabalhão e o homem fazendo dívidas por aí.
- e ainda chega em casa e bate na mulher
- ...o pai enche a cara no buteco e a mãe que tem que passar lá pra pagar as dívidas.

# Livros Grátis

( http://www.livrosgratis.com.br )

Milhares de Livros para Download:


Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo